

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

LUCIANO MOURA DE CASTRO

**O ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA, AUTOESTIMA E O TRATAMENTO
PSICOTERÁPICO: RELATOS DE ADULTOS DO SEXO MASCULINO**

VITÓRIA
2014

LUCIANO MOURA DE CASTRO

**O ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA, AUTOESTIMA E O TRATAMENTO
PSICOTERÁPICO: RELATOS DE ADULTOS DO SEXO MASCULINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Ms. Vania Maria Congro Teles

VITÓRIA
2014

LUCIANO MOURA DE CASTRO

**O ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA, AUTOESTIMA E O TRATAMENTO
PSICOTERÁPICO: RELATOS DE ADULTOS DO SEXO MASCULINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em _____ de _____ de _____, por:

Profa. Ms. Vânia Maria Congro Teles - Orientadora

Prof. Dr. Alexandre Cardoso Aranzedo, Faculdade Católica Salesiana do ES

Profa. Ms. Andrea Loss Nunes, Faculdade Brasileira - MULTIVIX

Dedico este trabalho a todos aqueles que sofreram qualquer forma de abuso e que escolheram se amar, deixando o lugar de vítima no passado, escrevendo uma nova história de vida como vencedores, vivendo a beleza do hoje e de um presente cheio de amor genuíno, saudável e incondicional por si próprios.

A vocês, a minha mais profunda admiração e respeito.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Doador da vida, Aquele que nos faz mais do que vencedores.

À minha família - vocês são meu bem maior, o meu porto seguro. O que tenho de mais precioso. Obrigado pelo cuidado, pelo amor incondicional, por cada oração e por entenderem minhas ausências para a realização deste trabalho. Amo vocês.

À Vania, minha orientadora e professora. Você me ensinou lições que nunca esquecerei. Obrigado por muitas vezes ter sido minha inspiração pra continuar na profissão fazendo diferença, sendo pra mim referência de conhecimento e sensibilidade ao lidar com o ser-humano. Obrigado mesmo!

Ao amigo Hiram Rollo Junior, meu “irmão do coração”. Aprendi com você que distância geográfica não é nada quando se tem um grande amigo. Obrigado por estar sempre presente mesmo estando em outro país. Sem palavras pra agradecer toda a força que você me deu.

À Marilene Olivier, amiga e incentivadora. Você tem o dom de ensinar... Me ajudou de forma preciosa e, sobretudo, fez-me acreditar que seria possível. Muito obrigado pelo tempo investido em mim e pela sua generosidade em distribuir seu vasto conhecimento.

À Angela, minha mãe do coração, por ter me amado como um filho e me incentivado nesta caminhada. Quanta saudade de você!

Ao amigo Rômulo pela ajuda incrível e pela amizade valiosa. Obrigado pela força de sempre e pelo apoio nos momentos mais difíceis. Valeu cara!

Aos queridos amigos: Ana Clara, Felício, Luana, Rafa, Suellen e toda a galera da sala de aula, companheiros desta jornada de cinco anos.

Aos mestres por todo conhecimento transmitido.

Aos participantes desta pesquisa que compartilharam comigo o sentido de suas experiências.

“Não importa o que fizeram com você.
O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você”.
(Jean Paul Sartre – Tradução Livre)

RESUMO

O ser humano em seu ciclo de desenvolvimento possui fases nas quais depende fundamentalmente de um adulto para sua sobrevivência. No entanto, essas relações nem sempre se dão no sentido da proteção e do amparo, muitas vezes distanciando-se disso e chegando ao extremo do abuso sexual. A partir desta contextualização, verifica-se que há evidências de que a criança e o adolescente que sofre abuso sexual, nem sempre recebem os cuidados necessários que ampliem as possibilidades de um desenvolvimento com maior potencial de vida expresso por uma autoestima saudável e bem ajustada. Considerando essa temática, este trabalho teve por objetivo compreender o processo de construção da autoestima em pessoas adultas do gênero masculino que sofreram abuso sexual na infância. O trabalho foi sustentado por uma revisão bibliográfica que contemplou os seguintes assuntos básicos: Abuso Sexual Infantil, Autoestima e Psicoterapia. O campo foi realizado com uma amostra de seis adultos, com idades entre 18 e 42 anos, que sofreram violência sexual na infância, alguns tendo passado por processo psicoterápico, outros não. Os resultados confirmam alguns trabalhos já publicados em termos de que pessoas abusadas na infância, independente do gênero, sofrem um enorme impacto em sua autoestima, apresentando visões distorcidas em sua autoimagem, enxergando-se como pessoas sujas, inferiores, culpadas, com sentimento de inadequação sexual e indignas de serem realmente amadas. Também indicam alguns achados: crianças expostas a um tempo maior de abuso parecem não construir uma autoestima saudável e, aquelas abusadas ocasionalmente enfrentaram a situação de modo diferente revelando uma autoestima bem construída. Percebeu-se que para estes casos, a psicologia pode ser útil no tratamento dessas vidas que sofreram violência sexual na infância, embora em relação aos efeitos do acompanhamento psicoterápico perceberam-se duas dimensões: Algumas pessoas sem acompanhamento conseguiram fazer suas elaborações, enquanto outras que o tiveram não estão bem elaboradas. A partir desse resultado, questiona-se o papel efetivo do processo de elaboração, pois talvez o cerne da questão requeira que seja observada qual a situação da autoestima dessas crianças antes mesmo de serem abusadas, o que sugere que precisamos olhar com mais cuidado a relação entre a construção prévia da autoestima e a

situação de vulnerabilidade que vitimiza a criança, promovendo, assim, ações preventivas em escolas, abrigos e locais indicadores de situação de risco.

Palavras chave: Abuso sexual infantil. Violência sexual infantil. Criança e adolescente vítima de abuso sexual. Autoestima. Psicoterapia.

ABSTRACT

In every cycle of their development, human beings go through stages of life in which they absolutely depend on an adult in order to survive. However, not always are the dynamics of such relationships based on protection and support, becoming instead quite the opposite, even to the extreme point of sexual abuse. In this context, it is possible to find evidence that children or youth that are victims of sexual abuse not always receive proper care, which in favorable circumstances would widen the possibilities of a development characterized by a life with greater potential marked by a healthy and well-adjusted self-esteem. Considering this theme, this work's objective was that of understanding the process of self-esteem development in male adults who suffered sexual abuse in their childhood. The work was supported by a bibliography that evolves around the following basic topics: Child Sexual Abuse, Self-Esteem and Psychotherapy. The field research was done with the sampling of six adults, ages 18 to 42, who suffered sexual violence in their childhood. Some went through a psychotherapeutic process; others did not. The results confirm what other published works already state about the fact that people who were abused in their childhood, regardless of the gender, suffer an enormous impact in their self-esteem, showing distorted perceptions about their self-image as they consider themselves dirty, inferior, and guilty people, with feelings of sexual inadequacy and unsuitableness of being truly loved. Some findings also indicate that children exposed to abuse for a longer time seem not able to build a healthy self-esteem, while those abused only occasionally faced the situation differently, revealing a well-built self-esteem. In such cases it was possible to observe that psychology can be useful in the treatment of people sexually abused in their childhood, although two dimensions were observed in regard to the effects of a psychotherapeutic accompaniment: Some people without that kind of intervention were able to make their own elaboration, while others who had such accompaniment are not well-elaborated. Such results make questionable the effective role of the elaboration process, because the core of the problem might require the observation of the children's self-esteem status even before they were abused. It suggests that more careful attention needs to be given to the relationship between the previous construction of the self-esteem and the situation of vulnerability that victimizes a

child, so that preventive actions can be promoted in schools, shelters and other locations that might put children at risk.

Keywords: Child sexual abuse. Child sexual violence. Children and youth victims of sexual abuse. Self-esteem. Psychotherapy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Categorias da Violência	30
Figura 02 – Vencedor 1 – Desenho do abuso no passado	54
Figura 03 – Vencedor 1 – Questão do abuso no presente	55
Figura 04 – Vencedor 2 – Desenho do abuso no passado	56
Figura 05 – Vencedor 2 – Questão do abuso no presente	59
Figura 06 – Vencedor 3 – Desenho do abuso no passado	61
Figura 07 – Vencedor 3 – Questão do abuso no presente	63
Figura 08 – Vencedor 4 – Desenho do abuso no passado	65
Figura 09 – Vencedor 4 – Questão do abuso no presente	68
Figura 10 – Vencedor 5 – Desenho do abuso no passado	69
Figura 11 – Vencedor 5 – Questão do abuso no presente	70
Figura 12 – Vencedor 6 – Desenho do abuso no passado	72
Figura 13 – Vencedor 6 – Questão do abuso no presente	75
Figura 14 – Material oferecido para a realização dos desenhos	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características de abusos sexuais infantis.....	33
Quadro 2 – Autoimagem após o abuso.....	52
Quadro 3 – Caso 1	95
Quadro 4 – Caso 2	95
Quadro 5 – Caso 3	96
Quadro 6 – Caso 4	96
Quadro 7 – Caso 5	97
Quadro 8 – Caso 6	97

LISTA DE SIGLAS

CFP – Conselho Federal de Psicologia

OMS – Organização Mundial de Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

WHO - *World Health Organization*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	27
2.1	VIOÊNCIA E ABUSO SEXUAL INFANTIL	30
2.2	AUTOESTIMA	35
2.3	A PSICOTERAPIA	39
3	METODOLOGIA.....	43
3.1	TIPO DE PESQUISA	43
3.2	PERFIL DOS SUJEITOS E LOCAL	44
3.3	A PROPOSTA DE COLETA DE DADOS.....	45
3.4	INSTRUMENTOS DE COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS.....	46
3.4.1	A entrevista.....	46
3.4.2	A técnica do desenho	47
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA.....	49
4.1	COMPREENSÃO GRÁFICA DOS DADOS.....	49
4.2	DESENHOS	53
4.2.1	O caso do Vencedor 1.....	53
4.2.2	O caso do Vencedor 2.....	56
4.2.3	O caso do Vencedor 3.....	61
4.2.4	O caso do Vencedor 4.....	64
4.2.5	O caso do Vencedor 5.....	68
4.2.6	O caso do Vencedor 6.....	71
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77

REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A	89
APÊNDICE B.....	91
APÊNDICE C.....	95
APÊNDICE D.....	99

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da reflexão dos anos estudados na graduação de psicologia sobre a importância de se ter uma elevada autoestima e sobre o tratamento de pessoas vítimas de abuso sexual na infância, percebendo que a maioria das pesquisas realizadas se referencia apenas às vítimas do sexo feminino.

O abuso sexual infantil consiste em uma prática execrada pela sociedade, que ainda não chegou ao fim, resultando em consequências trágicas para o abusado. De acordo com Costa, Penso e Almeida (2007) e Penso e Neves (2008) os efeitos desse momento crucial na vida do sujeito perduram em etapas posteriores de sua vida, sobretudo em termos psíquicos e emocionais, em suas relações interpessoais e familiares, havendo a possibilidade de tornarem-se agressores dos próprios filhos. Quando se fala em critérios descritivos, Almeida (2005) afirma que há pesquisas que sugerem que o abuso ocorre mais em relação ao sexo feminino, de classe social menos privilegiada, sendo o agressor alguém do meio familiar.

Almeida, Penso e Costa (2009) verificaram que não há muitos trabalhos que tratam das consequências psíquicas, emocionais, sociais e familiares em termos da criança ou adolescente do gênero masculino. Um dos poucos que volta sua atenção para este aspecto é Sebold (1987), que alerta para o fato de que o abuso sexual do menino merece a mesma atenção que aquela dispensada ao gênero feminino.

O autor justifica seu argumento ao afirmar que o tratamento dos meninos pode evitar situações semelhantes no futuro, uma vez que as vítimas masculinas apresentam maior probabilidade de se tornarem também abusadores.

Sebold (1987, p.2)

[...] sustenta que as vítimas de abuso sexual do sexo masculino poderão beneficiar-se com um tratamento precoce, particularmente se o tratamento antecede a formação do ciclo vítima-vítima/abusador. Quando a vítima se converte em vítima/repetidor o processo de tratamento se torna muito mais complicado e prolongado, provavelmente com menos resultados positivos.

No entanto, como afirmam Watkins e Bentovim (1992) existem diversos fatores que levam a uma diminuição na denúncia dos abusos de meninos, destacando-se o medo da homossexualidade, a incerteza das respostas emocionais, a culpabilização do abusado, a negação do abuso e a dificuldade de se perceber o abuso a partir de indicadores. Outros fatores foram identificados por Kristensen (1996, p. 17) tais

como: “[...] a perda da proteção maternal, evitação do grupo de iguais e o conluio com a dinâmica familiar”.

Ao que parece, muitas das crianças abusadas, acabam por não receber assistência adequada para o enfrentamento da situação vivida. Assim, podem surgir desses confrontos adultos, cujo comportamento foge às normas sociais, conforme trata Jesus (2006), com complexos de culpa, dificuldade de orientação sexual e de inserção social. No entanto, ressaltam Almeida, Penso e Costa (2009, p. 47) que “pouco se fala sobre a variação das repercussões psíquicas, sociais e familiares da violência sexual em relação à diferença de gênero dos sujeitos abusados”.

O estudo sobre abuso sexual infantil é, portanto, de enorme importância para que possam ser compreendidos os prejuízos causados à autoestima desses sujeitos o que por si só já justifica o levantamento de pesquisa nessa área. Por outro lado, é importante também verificar até que ponto a psicoterapia tem contribuído para a reconstrução de uma subjetividade sadia dessas vítimas de violência sexual que têm sido desamparadas em seu direito a uma educação da promoção de seres em formação e de um desenvolvimento sexual saudável. Essa situação ganha então uma dimensão maior, de saúde pública, sobre o que opina o Conselho Federal de Psicologia (CFP) que

A presença dos psicólogos nas políticas públicas articula-se aos compromissos éticos e políticos da profissão com a construção de atuação profissional que contribua para assegurar direitos às pessoas e à coletividade. Nesse conjunto de direitos, está o direito humano à sexualidade de crianças e adolescentes. Os contextos de desenvolvimento de crianças e adolescentes devem assegurar o direito a uma educação que promova sua condição de ser em formação, de conhecer seu corpo e desenvolver sua sexualidade, de expressar sua orientação afetivo-sexual, de dizer não a toda forma de abuso e exploração sexual (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009, p. 14).

Já se observa, portanto, uma preocupação em termos do assunto, o que, de acordo com *World Health Organization* (2006), vem se dando não só em termos conceituais como também numéricos, fazendo-se uso de estatísticas descritivas de escalas de maus tratos. No entanto, apesar de existirem preditores ao risco, o foco deste trabalho se encontra nas subjetividades que perpassam o problema e as pessoas.

A partir desta contextualização, verifica-se que há evidências de que a criança e o adolescente do gênero masculino que sofre abuso sexual, nem sempre recebe os cuidados necessários que amplie as possibilidades de um desenvolvimento com maior potencial de vida expresso por uma autoestima saudável e bem ajustada.

A convivência com algumas pessoas que passaram por esta situação tem ensejado a oportunidade de escutas referentes às questões de baixa autoestima como a consequência maior do abuso vivido.

Apesar de algumas dessas pessoas terem passado por tratamento, não se pode afirmar a efetividade dos modelos de atendimento quer sejam eles médicos ou psicoterápicos, em termos da ressignificação do ocorrido e da forma atual de vida, o que leva à construção de algumas hipóteses.

A hipótese consiste em “[...] uma proposição que pode ser colocada à prova para determinar sua validade [...] é uma questão proposta de tal maneira que uma resposta de algum tipo pode estar próxima a aparecer” (GOODE; HATT, 1979, p. 75).

Na presente pesquisa foram formuladas três afirmativas provisórias sobre o problema, configuradas nas hipóteses 1, 2 e 3.

H₁ = O quadro do abuso nem sempre está esvanecido o suficiente, a ponto de não trazer lembranças constantes.

H₂ = Adultos que passaram pela experiência do abuso têm dificuldade em identificar positivamente a si próprios, conduzindo a situações de baixa autoestima.

H₃ = Crianças que foram vítimas de abuso sexual encontram dificuldades para aderir a um tratamento psicoterápico.

Essas hipóteses, aliadas às digressões introdutórias fundamentaram os objetivos a seguir delineados e foram elaborados com o intuito de nortear a pesquisa e conduzir os procedimentos metodológicos. Assim, tem-se o seguinte objetivo geral:

Compreender o processo de construção da autoestima em pessoas adultas do gênero masculino que sofreram abuso sexual na infância.

A partir desse norteador mais amplo, foram elaborados também dois objetivos específicos para melhor desenvolvimento da pesquisa, quais sejam:

- Identificar quem são esses sujeitos adultos do sexo masculino que sofreram abuso sexual na infância.
- Pesquisar como eles estão lidando com essa questão hoje.

- Verificar se houve acompanhamento psicoterápico, ou não, e se a psicoterapia contribuiu para a autoestima saudável e bem ajustada desses participantes.

Após a definição dos propósitos da pesquisa, fez-se necessária a elaboração de uma revisão de literatura fortalecida por fundamentação teórica, que compõem o capítulo seguinte.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo é fruto do levantamento bibliográfico realizado em obras publicadas em papel e disponibilizadas em sítios na web. Nele estão contidos conceitos, resultados de outras pesquisas e elementos teóricos que auxiliaram na compreensão da temática e na análise dos dados.

Está estruturado em temas que vão da violência e abuso sexual infantil ao tratamento psicoterápico, passando pelo ponto central, que é a construção da autoestima.

O ser humano, desde os primórdios, sentiu a necessidade de viver em comunidades, quer seja por questões de segurança, quer por questões afetivas. Dessa forma, os primeiros conglomerados deram origem ao que se conhece na atualidade como família (BRUSCHINI, 1989).

A família é considerada como o núcleo da sociedade, uma vez que é em torno dela que se estabelecem e ampliam concentricamente as relações sociais (ARIES, 1981). Nessa estrutura podem ser observadas relações diversas e papéis específicos de cada integrante, ou seja, funções que são exercidas pela mãe e pelo pai (materna e paterna) das quais dependem o desenvolvimento e estruturação do sujeito que nasce naquela rede familiar.

De acordo com Maturana (1997) a família consiste em um sistema social e, por essa razão, constituído sob os auspícios da emoção e do amor, ressaltando aqui que não se trata do amor romântico e espiritual, mas da emoção que leva a aceitação do outro, envolvendo honestidade, respeito, cuidado, justiça e colaboração.

No entanto, essas relações nem sempre se dão de forma harmoniosa, podendo os membros familiares fugirem ao seu papel, conforme descreve Freud (1996) em Totem e Tabu, para quem os cuidados com a prole existem desde os tempos mais remotos, incluindo os cuidados com os parentes em primeiro e segundo grau, fundamentado na proibição de dois comportamentos: o canibalismo e o incesto, destacando-se esse último, por se configurar, muitas vezes, no abuso sexual.

O que se observa é que os princípios cultivados nas sociedades são transmitidos aos descendentes por meio de núcleos diversos, sendo a família, a religião, a cultura, as condutas e a educação os mais relevantes. Esses argumentos encontram

suporte nos registros de Freud (1996) que já afirmava que antes mesmo de existir a lei, a norma, serão as relações que irão determinar os comportamentos entre aqueles que convivem sob um mesmo teto, em um mesmo espaço ou coletividade intra e interpessoais. Assim, seguindo essa linha de raciocínio, segundo Pfeiffer e Salvagni (2005, p. S198) “[...] o comportamento de um frente ao outro seria uma questão de formação”.

Para os autores trata-se do exercício do poder do mais forte em relação ao mais frágil, podendo ele ocorrer em dimensões diversas, tais como: na política, no governo, na sociedade como um todo e na esfera familiar. Essa situação é permeada por excessos e pelo inusitado, pelo diferente, por aquilo que ainda não se viu ou não se fez, que é transposto para as relações com crianças e adolescentes, que devido à sua insignificância nesse contexto, acabam por sofrer maus tratos e abusos de natureza diversa. De acordo com Pfeiffer e Salvagni (2005) e Habigzang e outros (2005) cerca de 10% das famílias vivem esse drama, derivado de um comportamento inadequado que tem sido praticado pelo pai, padrasto, tios, avôs ou outra pessoa do relacionamento mais íntimo, ou seja, uma pessoa familiar, conhecida e, de modo geral, por quem a vítima nutre sentimentos afetivos. Trata-se, portanto, do que Baptista e outros (2008, p. 603) descrevem como violência doméstica contra crianças e adolescentes, ou seja, “[...] um fenômeno prevalente na história da civilização ocidental, sendo construída socialmente, fundada em crenças, valores, padrões e permissões de determinada época e cultura [...]”.

No sentido histórico, Santos (2012) descreve a existência de documentação que registra situações de abuso infantil desde meados dos anos 1800. Nesse período esse tipo de violência era escamoteada por explicações que refutavam o abuso, rejeitando-se, portanto, esse comportamento na sociedade. De acordo com a autora, somente a partir dos anos 1950 a violência contra a criança começou a ser percebida pelas comunidades, incluindo familiares e o setor público.

No Brasil, há um destaque em relação ao processo de escravidão, durante o qual, os senhores de engenho praticavam abuso contra os escravos de ambos os sexos, mormente com as escravas, gerando filhos ilegítimos, sem que as vítimas tivessem a quem recorrer ou o que fazer, pois eram considerados como posse, propriedade de seus senhores e por isso tinham que se submeter.

Esse comportamento de violência continuou durante os anos que se seguiram, como relatam Pfeiffer e Salvagni (2005, p. S198) para quem a prática sexual pode assumir formas distorcidas devido à propagação e difusão inadequada, gerando uma “[...] busca desenfreada de novas situações e modalidades, não importando se isso significa ir além do respeito ao outro”.

Assim, falar sobre abuso sexual infantil é referir-se a uma temática complexa, delicada e preocupante, chegando à atualidade em nível de saúde pública, em virtude dos inúmeros malefícios causados às vítimas, em sua maioria crianças, marcadas em seu corpo, em sua subjetividade e afetadas em sua autoestima, dentre outras áreas de suas vidas. Nesse sentido afirmam Gonçalves e Ferreira (2002) que o abuso sexual infantil deve ser assumido pelo poder público devido ao elevado número de ocorrências e aos prejuízos que dele podem surgir para as vítimas. Outra razão para tal proceder é encontrada na própria sociedade que passou a incorporar em seu seio princípios morais e até mesmo legais, em prol das crianças e adolescentes e também porque os abusos continuam a ocorrer, deixando sequelas irreparáveis em que o sofre (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005).

No Brasil, a Constituição Federal (1988) garante direitos à dignidade e à cidadania e, no caso, das crianças e adolescentes, esse direito é assegurado por meio da Lei nº 8.069, de 1990, conhecida como o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

Habigzang e outros (2005, p. 341) definem o abuso “[...] como qualquer contato ou interação entre uma criança ou adolescente e alguém em estágio psicosssexual mais avançado do desenvolvimento, na qual a criança ou adolescente estiver sendo usado para estimulação sexual do perpetrador”.

Os autores complementam ainda que essa relação pode ser configurada por diversos contatos, que vão desde o *voyerismo*, passando pelos toques e carícias até a penetração. Trata-se, portanto, de situações nas quais a criança é utilizada como objeto de prazer sexual do adulto, independente da forma (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005).

Quando em ambiente familiar, o abuso se dá em um contexto cuja complexidade dinâmica se apresenta sob duas formas: A Síndrome de Segredo e a Síndrome de Adição. No primeiro caso verifica-se claramente o poder do abusador sobre a vítima,

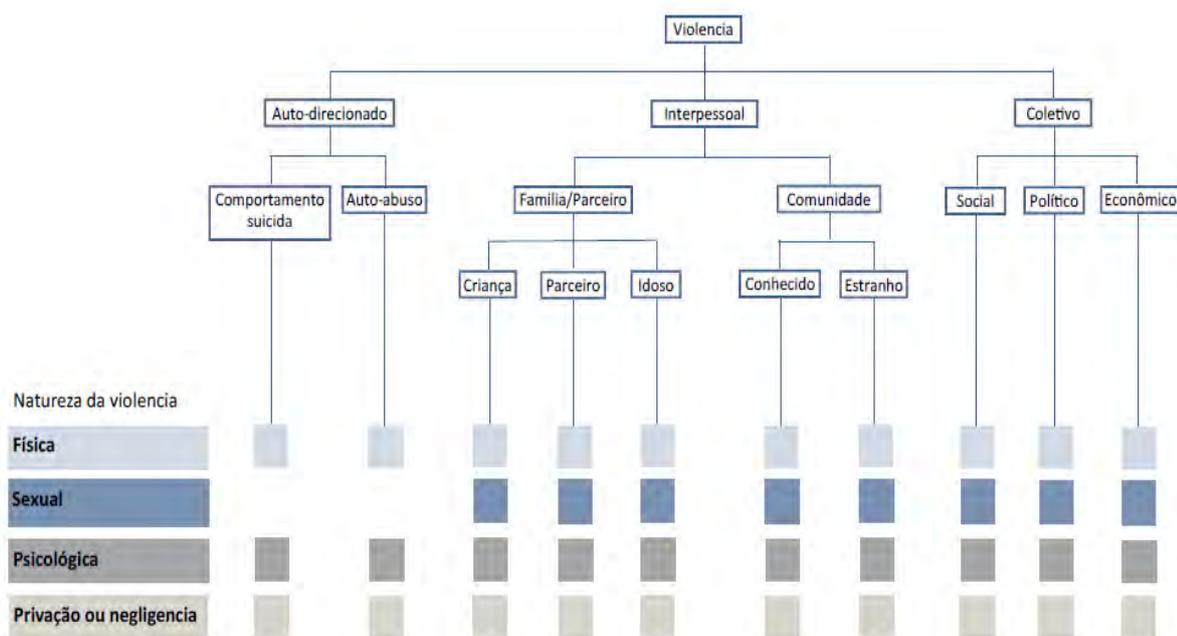
já mencionado anteriormente, que coage, ameaça, obriga ou faz barganhas com a criança no sentido de ocultar sua ação, com receio das consequências sociais que possa vir a sofrer. No segundo, o agressor é levado às vias de fato pelo estímulo que a criança aparentemente emite. Assim, o abuso se dá em dois sentidos, ou seja, para obter a excitação e para o alívio da tensão sexual (FURNISS, 1993).

Dessa forma, em que pese a evolução pela qual passou a temática em termos da legislação, da posição das instituições religiosas e da própria sociedade, ainda são comuns os casos de abuso sexual infantil.

2.1 VIOLÊNCIA E ABUSO SEXUAL INFANTIL

A violência pode ser considerada toda “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém) [...]” Houaiss, Villar e Franco (2001) tendo sido classificada por *World Health Organization* (2006) em três categorias que são: a violência contra si mesmo, a violência interpessoal e a violência coletiva, como pode ser visto na Figura 01.

Figura 01: Categorias da violência.



Fonte: WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2006, p. 9, (tradução nossa).

A partir dessa classificação, destaca-se a violência sexual que, segundo Azevedo, citado pelo Conselho Federal de Psicologia (2009, p. 36)

[...] é todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança ou um adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente essa criança ou esse adolescente ou utilizá-los para obter estimulação sexual de sua pessoa ou de outra pessoa. O agressor pode se impor por força, ameaça ou indução da vontade da vítima.

Em se tratando do assunto violência e suas consequências, o CFP enfatiza que:

Dentre as formas de violência contra crianças e adolescentes, a mais perturbadora é, inegavelmente, a violência sexual, que, embora identificada como fenômeno antigo, só passou a ser considerada problema social a partir do século XX, quando foi inserida no contexto dos direitos humanos e considerada responsável por sérias consequências, como o comprometimento do desenvolvimento físico, psicológico e social de suas vítimas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009, p. 36).

O Conselho Federal de Psicologia (2009, p. 24) ainda sobre essas formas de violência sexual, relata que “ferem a integridade sexual de pessoas que [...] por seu estágio de desenvolvimento físico, emocional, afetivo e sexual, não estão preparadas para intercursos sexuais e trocas afetivo-sexuais”.

Faleiros, citado pelo Conselho Federal de Psicologia (2009, p. 24), afirma que: todas as formas de violência sexual podem ser consideradas abusivas e violentas. Ela entende que é uma situação em que o adulto ultrapassa os limites, seja de “[...] direitos humanos, legais, de poder, de papéis, de regras sociais e familiares e de tabus, do nível de desenvolvimento da vítima, do que esta sabe, compreende, pode consentir e fazer”.

Quando esses direitos são violados, existe um campo imenso de trabalho para o profissional da psicologia, que deve atuar junto a essas vítimas trazendo-lhes de volta dignidade e esperança, bem como uma vida emocional saudável novamente, através de acompanhamento e tratamento psicoterápico.

Segundo César (2013, p. 66) “[...] a violação da intimidade de uma pessoa em formação é um problema gravíssimo no Brasil, e os números são alarmantes”. E a autora assim destaca:

Estima-se que, a cada oito minutos, um menor seja vítima desse tipo de crime. O serviço telefônico Disque 100, mantido pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, registrou, entre 2003 e março de 2011, 52 mil denúncias de violência sexual [...] contra crianças e adolescentes. A Bahia é o estado que lidera o ranking de ocorrências, [...], seguido de São Paulo, [...] e Rio de Janeiro, [...]. Para aumentar a consciência nacional quanto a essa chaga social, o dia 18 de maio foi

estabelecido o Dia Nacional de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (CÉSAR, 2013, p. 66).

O abuso traz marcas indeléveis na vida de uma pessoa. Ele pode deixar registros no corpo e na subjetividade de quem o sofre. Ele afeta de forma drástica a autoestima, os pensamentos e emoções daqueles que dele são vítimas, ficando estes com a sensação de perda total de valor, de serem indignas de amor e de continuarem vivendo, podendo até mesmo pensar em suicídio, ainda mais se o abuso vier acompanhado de ameaças de violência, caso a criança recuse atender aos desejos do abusador (HIRATA; BALTAZAR, 2003).

Pode-se dizer ainda que

O abuso sexual é um problema de saúde pública, definido como todas as formas de atividades sexuais, nas quais, as crianças e adolescentes não têm condições maturacionais e psicobiológicas de enfrentamento, transgredindo assim, as normas sociais, morais e legais (HABIGZANG; RAMOS; KOLLER, 2011, p.467).

Nessa linha, Penso e outros (2009, p. 143), caracterizam abuso sexual da seguinte forma:

[...] podemos pensar no abuso sexual infanto-juvenil como um jogo complexo, ato ou relação sexual que envolve um relacionamento desigual entre agressor e vítima, compreendendo um modo particular de significação para cada um dos envolvidos direta e indiretamente. A vítima, enquanto criança/adolescente assume uma posição submissa e é incapaz de compreender totalmente a natureza real desta relação no contexto de tantas outras que mantém com seus progenitores e/ou cuidadores. Por sua vez, o autor do abuso utiliza-se da confiança e dependência do dominado a fim de apoderar-se de sua sexualidade.

Para Santos e Dell'Aglia (2010, p. 328)

O abuso sexual ocorre através de práticas eróticas e sexuais impostas à criança ou ao adolescente pela violência física, ameaça ou indução de sua vontade, podendo variar desde atos em que não se produz o contato sexual (voyeurismo, exibicionismo, produção de fotos), até diferentes tipos de ações que incluem contato sexual sem ou com penetração. Esse fenômeno apresenta uma dinâmica de funcionamento específica, iniciando-se sutilmente e, à medida que o abusador conquista a confiança da vítima, os contatos sexualizados tornam-se gradualmente mais íntimos.

O Quadro 1 apresenta algumas características do abuso sexual, de acordo com diferentes autores, classificadas quanto ao tipo, suas características, descrições e seus respectivos autores.

Os tipos encontrados dizem respeito à forma, contexto, dimensão temporal e revelação do abuso. Neste caso destacam-se a coerção ou indução da vítima; o contexto intra ou extrafamiliar; uma vez ou anos de abuso e, a capacidade dos abusados de falar ou não do ocorrido.

Quadro 1 - Características de abusos sexuais infantis.

Tipos	Características	Descrição	Autores
Formas	Contra a vontade do abusado	Envolvendo ameaças e força física	Habigzang, Ramos e Koller (2011)
	Por indução da vontade da vítima	Envolvendo a confiança até então existente da vítima no agressor e o poder que ele exerce sobre ela, o que pode implicar em violência, ameaças e barganhas.	
Contextos	Intrafamiliar	O abusador possui a confiança de cuidado e proteção em relação à criança	Habigzang, Caminha (2004) e Koller, De Antoni, (2004)
	Extrafamiliar	Vizinhos ou desconhecidos	
Tempo	Menor tempo de duração	Extrafamiliares	Sharma, Gupta (2004)
	Maior tempo de duração	Intrafamiliares (a criança leva mais tempo para perceber que o comportamento do familiar é abusivo, devido ao vínculo com o agressor e com o segredo)	

Fonte: Elaboração própria a partir de Habigzang, Ramos e Koller (2011).

As violências, na forma do abuso sexual, podem ser classificadas em: intrafamiliar quando o agressor é alguém que possui um laço familiar (biológico ou não), ou uma relação de responsabilidade em cuidar dessa vítima; e extrafamiliar, quando o agente da violência não pertence à família, nem tem responsabilidade com aquele que sofreu a agressão, muito embora seja essa pessoa alguém que geralmente a criança conhece ou tem um laço de confiança (HABIGZANG; CAMINHA, 2004; KOLLER; DE ANTONI, 2004).

Dentro dessa classificação, Pimentel e Araújo (2009, p. 660) retratam o tema dentro do contexto familiar como um foco de interesse de muitos pesquisadores da área contemplando a busca dos elementos da subjetividade dos envolvidos, que foram afetados. Além disso, afirmam que

Refere-se ao conjunto de acontecimentos ligados a qualquer tipo de comportamento e/ou envolvimento sexual, por meio ou não de contato físico, de crianças e adolescentes dependentes em atividades sexuais com adultos ou com qualquer pessoa um pouco mais velha ou maior, em que haja uma diferença de idade ou de poder, sendo a criança usada como objeto sexual para a satisfação de necessidades ou de desejos, em atos para os quais ela é incapaz de dar um consentimento consciente, por causa do desequilíbrio de poder ou de qualquer incapacidade mental ou física. Incluímos na contextualização do termo todo tipo de contato sexualizado, desde falas eróticas ou sensuais, exposição da criança a material pornográfico, carícias íntimas, relações orais, anais, vaginais com penetração ou não, até o voyeurismo e exibicionismo, dentre outros.

Para Habigzang e outros (2005) há maior incidência de abusos intrafamiliares do que aqueles que têm como abusadores pessoas que não pertencem ao círculo de conhecidos, ou seja, estranhos à vítima.

Ao que parece o fator confiança é algo muito utilizado pelo abusador que prepara o terreno de sua atuação conquistando a criança, embora depois utilize de violências, imposições, coerções e ameaças para a realização de suas práticas condenáveis (SANTOS; DELL'AGLIO, 2010).

Essa forma de abuso, quase sempre vem camuflada por carinho, proteção e amor, com uma mistura de atenção que visa fortalecer uma relação de dependência afetiva-emocional entre a vítima e o agressor que confunde cuidado com carícias de cunho sexual, e que, ao invés disso, deveria oferecer proteção a essa criança que nele deposita total confiança (PENSO et al., 2009).

Em dimensão mais ampla, de acordo com Williams e Habigzang (2014, p. 9), “a violência contra crianças e adolescentes é um fenômeno complexo que compreende aspectos sociais, jurídicos, médicos, educacionais e psicológicos”.

As consequências para a pessoa que sofreu abuso podem se manifestar em diversos segmentos da sua vida tais como: Autoestima, orientação sexual, relações interpessoais, convivência social, autoconfiança, dentre outros.

Williams e outros (2014) enfocam outras consequências decorrentes de maus tratos em termos do desenvolvimento do ser humano. Entre eles destacam-se: problemas escolares, condutas inadequadas e antissociais; repetição de modelos agressivos, conduta delituosa, ansiedade, depressão, comportamentos regressivos e autolesivos, ideias suicidas, distúrbios do sono e da alimentação, enurese noturna e doenças psicossomáticas em geral.

Essas consequências foram categorizadas por Serafim, Marques e Saffi (2014) agrupam essas consequências em três dimensões: emocional, cognitivo e comportamental. Assim, às anteriormente apresentadas podem ser acrescentadas: desamparo, variação do estado de ânimo, vergonha, culpa, rejeição a figuras adultas, gravidez precoce, enfermidades de transmissão sexual e, sobretudo, a baixa autoestima, que por sua importância nesse contexto será tratada separadamente.

2.2 AUTOESTIMA

A discussão sobre a autoestima perpassa o processo de desenvolvimento das pessoas, as relações familiares e extrafamiliares. Delas decorrem grande parte da autoestima e autoconfiança que o adulto virá a ter.

Nesse sentido afirma Erthal (1986, p. 43) que

Um homem cujas capacidades conscientemente lhe tenham trazido êxito, acha-se menos propenso a ser afetado por dúvidas e desconfianças a seu respeito. Então, a valência da autoestima será, em parte, determinada pelas experiências anteriores.

Por outro lado, ao se falar em autoestima há que se fazer antes um pequeno esclarecimento em relação ao conceito, pois não é incomum vê-lo usado como sinônimo de *self*, autoconceito, autoimagem, autovalor, autopercepção, autoidentidade, autoconsciência, dentre outros (OSBORNE, 1996).

Em estudos experimentais Dutton e Brown (1997) distinguem autoestima de autoconceito. No primeiro caso, eles sugerem que há relações com as reações afetivas e o desempenho de tarefas específicas e no segundo, desempenho vinculado a reações cognitivas. Pode-se dizer então que os elementos que permeiam o autoconceito se relacionam ao que as pessoas pensam de seu próprio desempenho, de si mesmas e está relacionado com o conceito de autoimagem. A autoestima, por sua vez, diz respeito ao modo como elas sentem esse desempenho, àquilo que são capazes ou não de fazer, como se sentem em relação à si mesmas ou o que sentem pela sua própria pessoa.

Em outra dimensão, Miceli (2003) considera que a autoestima está relacionada à forma de viver e sentir de forma adequada, de bem com o mundo e com as pessoas, exercendo a dignidade, se criando a partir da experiência de vida. Segundo Mota e Matos (2014) isso se traduz em um modo de vida que inclui a afetividade, as amizades, a alegria, a construção de planos, a assunção dos erros, enfim, um estado que torna a pessoa incluída no mundo e em relação aos demais de forma bem ajustada.

A autoestima se constitui, portanto, em uma experiência interior, inerente à subjetividade de cada indivíduo. Ela reflete o que as pessoas sentem acerca de si mesmas e se, estes pensamentos e sentimentos, são bons ou ruins, essa

autoestima irá se manifestar e traduzir nas ações e comportamentos da pessoa em seu cotidiano, contra ou a favor dela mesma. Segundo Erthal (1989, p.57), “a imagem que o indivíduo cria de si mesmo determina os comportamentos que desenvolve”.

De acordo com Andrade e Agerami (2001), quando a autoestima se faz presente nas pessoas, elas sentem confiança em si mesmas e no comportamento que adotam, sendo que, de modo geral esse comportamento está relacionado aos seus valores, força, capacidade e adequação em relação ao mundo. Ao contrário, a falta de autoestima gera sentimentos de inferioridade, incapacidade e impotência, que se persistirem, pode levar a fracassos e até mesmo a quadros psicopatológicos.

Esse conceito já havia sido trabalhado por Erthal (1986, p. 43) ao afirmar que

Enquanto o bom conceito de si mesmo é essencial para um funcionamento eficaz, o autodesconhecimento atrai todas as experiências catastróficas. A concepção negativa não é bem vinda ao crescimento, pois é acompanhada de alto grau de ansiedade e depressão. [...] Dessa forma, o eu pode atuar como um amigo eficaz ou um feitor implacável em relação a si mesmo.

Nesse sentido é importante destacar que, conforme relata Mota e Matos (2014) a autoestima precisa ser levada em consideração por estar presente no dia a dia das pessoas: no trabalho, no lazer, nas compras, nas relações afetivas etc. Trata-se de um valor de sobrevivência, de uma necessidade humana, sem a qual se corre o risco de se chegar a transtornos psicológicos, da depressão ao suicídio.

Peixoto (2003, p. 34) sugere que “A autoestima possui uma natureza, fundamentalmente, fenomenológica, revelando até que ponto o sujeito está satisfeito com ele próprio” e de forma mais pontual, Jonzon e Lindblad (2006) referem que a boa autoestima é um elemento importante para a resiliência em pessoas que sofreram abuso sexual.

Pimentel e Araújo (2009) salientam que maneiras de agressão mais visíveis, até as menos aparentes, perpassam o ambiente da família, podendo, devido aos traumas interiores, comprometer a autoestima das pessoas que sofreram tais formas de danos ou violências.

Assim, o nível de autoestima de um indivíduo, que pode ser positiva ou negativa, poderá determinar a qualidade da saúde mental desse sujeito. Furegato e outros (2006, p. 240) afirmam que:

Quando positiva, o indivíduo tem uma satisfação interna que o preenche e o faz sentir-se feliz, valorizando sua existência. Quando negativa, as pessoas sentem-se inferiores em suas capacidades e habilidades em comparação aos demais, são conformistas e não possuem espírito de luta, como é o caso daqueles que são acometidos por transtorno depressivo. Portanto, a estabilidade e os bons níveis de auto-estima podem ser fatores decisivos para a saúde mental.

Alguns autores identificaram pontos fundamentais que sustentam ou relacionam a autoestima a dimensões específicas e relacionais da vida de cada um. Entre eles destacam-se Branden (1998) e Asgeirsdottir e outros (2010).

De acordo com Branden (1998) existem cinco pilares ou raízes da autoestima que são: *awareness* ou consciência; autoaceitação; autorresponsabilidade; autoafirmação; desejo de concretizar objetivos e integridade pessoal. As explicações a seguir foram baseadas no autor em questão.

Awareness ou consciência pode ser compreendida como viver conscientemente, ou seja: a pessoa deve ter clareza do seu lugar, do papel que desempenha e das ações que empreende. Implica em assumir o que lhe é prazeroso e o que o incomoda. É colocar-se por completo em tudo que faz, é agir segundo suas próprias vontades, saindo do lugar de vítima, saindo do lugar em que o outro o coloca.

A **autoaceitação** consiste no fato de a pessoa estar a favor de si própria sem, no entanto, tratar-se do egoísmo. A falta de autoaceitação significa, por consequência, a rejeição de si mesmo, podendo a pessoa sabotar a si mesma por não saber agir em seu benefício. Trata-se, portanto, de a pessoa se posicionar a favor de si, dando um basta no que carrega consigo e a faz sofrer. É a partir da aceitação que a mudança poderá ter início.

Autorresponsabilidade diz respeito ao reconhecimento de que cada um é responsável pelas escolhas que faz, pelas decisões que toma. Dentro dessa premissa, tomará para si os resultados de suas ações, sem jogar para os familiares, amigos, o chefe e até mesmo a sociedade, a culpa do seu sofrimento.

A **autoafirmação** constitui-se na quarta raiz ou pilar da autoestima podendo ser entendida quando a pessoa respeita seus valores pessoais e daqueles que o cercam, mas defende aquilo no qual acredita, ou seja, é autêntica nos seus relacionamentos, sem ser agressiva. É importante registrar que a falta de autoafirmação pode levar a comportamentos de timidez, de medo de se expressar, de concordância com os demais entrando em contradição consigo mesmo.

O desejo de concretizar objetivos ou **intencionalidade** consiste em tomar iniciativa em relação ao que se pretende para a própria vida, seja de forma intencional ou subjetiva. Pode ser resumido em ter um propósito na vida, fazer planos e estabelecer metas.

O quinto e último pilar foi denominado de **integridade pessoal**. Devido à sua complexidade, talvez seja mais fácil falar da falta de integridade, ou seja, quando a pessoa se comporta contrariamente aos seus valores. Nesse caso, diz-se que ela perde o respeito por si mesma. A integridade, ao contrário, revela um modo de viver em consonância com aquilo no qual se acredita. É agir de modo coerente com a própria consciência e o discurso que faz de seus valores.

Conforme citado anteriormente, Asgeirsdottir e outros (2010) apresentam um olhar diferente ao falarem da autoestima, referindo-se a três dimensões que são: individual, familiar e social. Os resultados de sua pesquisa sugerem que a alta autoestima está relacionada à escola, ao apoio dos pais e a participação desportiva, contribuindo para tanto para a redução da depressão quanto da raiva. Nesse sentido há congruência entre os autores uma vez que para Branden (1998) quando a pessoa não consegue desenvolver autoestima, poderá apresentar o sentimento de intolerância contra si mesmo, podendo desencadear comportamentos de violência.

Pode-se dizer então que a autoestima funciona como um gerador de forças, de resistências e de ressignificação e sua ausência reflete um processo de destruição do ser humano diante da sua história, das suas marcas, do que vive no momento e do que há de vir.

Para McLen e Jennings (2012) a percepção e aceitação da autoestima parecem relacionar-se a uma vinculação segura, que fortalece o desenvolvimento global do *self*. Considerando-se a afirmativa, no caso das vítimas de abuso, pode-se aventar a dizer que essa vinculação se esvai, levando o abusado ao desenvolvimento de baixa autoestima.

Por fim, conforme afirma Erthal (1986, p. 44): “Todas as experiências somente são interpretadas em função do autoconceito”.

2.3 A PSICOTERAPIA

Muitos estudos tem mostrado a existência de associação entre crianças que foram vítimas de abuso e o aumento de desordens mentais na infância, cujo quadro se prolonga até a idade adulta. Entre as sequelas de saúde mental das vítimas de abuso infantil estão os problemas de comportamento, ansiedade, depressão, uso de substâncias, distúrbios alimentares, comportamentos sexualizados e transtorno do estresse pós-traumático (SPATARO et al. 2004).

Estudos como os de Turner, Finkelhor e Ormrod (2006) tem demonstrado que há relação entre o abuso sexual e problemas emocionais, destacando-se entre eles a depressão e a raiva, o que, de modo geral, indica a necessidade de tratamento.

Porém, diferentemente desses relatos, Slutzky e Simpkins (2009) encontraram casos nos quais pessoas que sofreram abuso apresentaram comportamentos resilientes e não desenvolveram tais problemas.

Dessa forma, quando se trata de abuso sexual, Habigzang e outros (2006) consideram que algumas dimensões são primordiais na relação com o vitimado, tais como: psicológicas, médicas, sociais e jurídicas.

Para Erthal (1986, p. 45) quando o sujeito está

[...] desnorteado com respeito a seus próprios objetivos e ansioso devido ao conflito existente, o equilíbrio interno só poderá ser atingido ao recuperar a consciência de si mesmo [...] É um processo extremamente difícil, pois à medida que a pessoa percebe algo de novo em si própria, ela inicialmente o rejeita.

Em relação ao assunto, afirma Cohen, Manarino e Knudsen (2005) que há formas de se tratar os traumas por meio da terapia, que pode diminuir a gravidade e duração dos distúrbios psicológicos agudos, impedindo resultados nefastos a longo prazo, para os sobreviventes de abuso sexual infantil.

Porém, Hohendorff e outros, citados por Habigzang e outros (2014, p. 53), declaram que “em nosso país, ainda são escassos os estudos de avaliação de tratamentos psicoterápicos para crianças e adolescentes”, e que o tratamento psicológico para esses casos, deve ser planejado priorizando-se a pessoa, considerando as pesquisas sobre esse tipo de tratamento específico (HABIGZANG et al., 2014).

De qualquer forma, Gusmão e Pizzarro (2009, p. 92) registram que a psicoterapia torna-se um caminho possível, pois pode auxiliar o sujeito a entender a importância

de tomar as rédeas de sua vida e conduzi-la de forma consciente, assumindo todos os seus riscos e prazeres que ela possa vir a proporcionar. “Viver é arriscar-se, é estar aberto às imprevisibilidades da vida, que são mais fáceis de serem superadas quando o sujeito individual consegue tomar consciência de ser o autor de sua própria história” (GUSMÃO; PIZZARRO, 2009, p. 92).

Ainda segundo as mesmas autoras:

As vivências na forma de “vivido” contam a história de cada ser humano, nos seus passos e descompassos, na sua construção e devir, que envolvem não só as vivências positivas como também aquelas que fazem com que o “self” se despedace e a pessoa se sinta um “nada”, perdida e sem referências. No momento do desespero a Psicoterapia [...] pode ajudar o indivíduo a encontrar novas possibilidades de ressignificar essas vivências (GUSMÃO; PIZZARRO, 2009, p. 92).

De acordo com Erthal (1986, p. 45)

A terapia é uma das atitudes perante o ser humano, no sentido de compreender as experiências individuais, e o envolvimento do indivíduo no meio em que vive. Trata-se da compreensão existencial, que, mais do que ver o mundo pelo ângulo do cliente, procura vê-lo com os olhos do próprio cliente.

Observa-se, portanto, que ela consiste em uma ferramenta primordial e eficaz para tratar angústias emocionais, “feridas da alma” e traumas da mente, dentre elas o abuso sexual que tem deixado marcas destrutivas, tamanha a violência que ele produz em suas vítimas. Segundo Pimentel (2003, p.129) “[...] todo processo da psicoterapia, [...], precisa restaurar a autoestima, que seria a capacidade de você confiar naquilo que você organiza”.

Em sua obra Trilogia da Existência, Erthal (2013, p. 83-84) qualifica essa prática psicoterápica como “uma orientação que enfoca a pessoa enquanto totalidade concreta, a relação autêntica entre terapeuta e cliente e o estímulo ao autoconhecimento como instrumento de crescimento individual”. Ainda a mesma autora falando sobre os objetivos principais da psicoterapia esclarece que ela deve

[...] proporcionar aumento no potencial de escolha; [...] proporcionar uma ajuda efetiva ao cliente no sentido de descobrir-se e de autogerir-se; ajudá-lo a aceitar os riscos de suas próprias decisões responsáveis; aceitar a liberdade de ser capaz de utilizar suas próprias capacidades para existir (ERTHAL, 2013, p. 84).

Citando ainda Gusmão e Pizzarro (2009, p. 88), terapia é:

Oportunidade de o cliente poder olhar, de novo, para o que foi vivido e passou ou não passou, para o que é vivido agora, e autenticar tudo como sendo dele, como sendo ele. Aqui se incluem as dores de que ele não quer nem se lembrar, suas perdas, suas culpas, suas faltas, suas decepções, seu

sentimento de impotência diante de um mundo que se torna cada vez mais ameaçador. Mas terapia também é o espaço para o cliente ver que essa é a vida que se realizou, ou o caminho que continua e, que pode ir em diferentes direções, e às vezes, isso quer dizer novas escolhas que implicam em mudanças extremamente radicais.

Segundo Guedes, Monteiro-Leitner e Machado (2008, p. 617);

[...] a psicoterapia facilitaria uma maior autocompreensão e autoaceitação psicológica, que possibilitaria, por sua vez, uma maior autonomia sobre seu potencial de escolha e de formulação de seus projetos existenciais, diminuindo seu estado depressivo e aumentando o seu nível de autoestima.

O cliente precisa se implicar no processo psicoterápico e assumir responsabilidades mediante as suas escolhas e decisões: “A terapia ajuda o cliente a aceitar os riscos e responsabilidades de suas decisões, acima de tudo, aceitar a liberdade de ser capaz de usar suas próprias possibilidades de existir” (GUSMÃO; PIZARRO, 2009, p. 89).

A psicoterapia é um processo e seus resultados não surgem em uma única sessão, com soluções mágicas, rápidas ou instantâneas. Por muitas vezes, é preciso persistência e, para o seu êxito e sucesso, é necessário comprometimento de ambas as partes que compõem esta relação de ajuda, visando um crescimento e a oportunidade de cada um se tornar aquilo que se pode ser, despontando, assim, o melhor de seu potencial. Conforme Gusmão e Pizzarro (2009, p. 93)

A terapia não é algo mágico, é uma relação real entre duas pessoas que se encontram para crescer. É um desabrochar para a possibilidade que cada um é e pode ser. É um encontro que depois será vivenciado em cada relação interpessoal. Mas crescer não é algo que se consegue facilmente. Existem altos e baixos, angústias, medos e culpas que atravessam o ser. Por não suportar a liberdade de escolha e a vulnerabilidade que lhe são próprias, o homem acaba por querer a qualquer preço encontrar referências e controles que lhe permitam escapular destas situações. Entretanto, a tendência para o crescimento se fortifica quando se convive melhor com a angústia e se descobre o prazer do descobridor, diante de tantas pressões e cobranças de papéis no mundo que o circunda, a pessoa precisa viver experimentando sem ser guiada pelo outro. Se alguém se aceita arriscando, ela vai, cada vez mais colocando sua existência em risco; o risco saudável para o crescimento.

Nesse sentido, já afirmavam Haskett et al (1991) que apesar da disponibilidade de formas de tratamento que demonstraram resultados positivos para as vítimas do abuso sexual infantil, continuam a existir barreiras significativas para iniciar o tratamento, mas que ainda assim, nos casos em que as crianças abusadas foram encaminhadas para aconselhamento, houve um resultado positivo em torno de 65%.

De modo geral as barreiras encontradas dizem ocorrem quando: o abusado pertence a minorias; possui baixo nível de escolaridade; tem baixo nível de renda; a

família vive restrições financeiras e não consegue arcar com os custos do serviço; o abuso é crônico e ainda não foi denunciado e, quando há problemas de saúde mental entre as crianças, incluindo comorbidades (GARCIA; WEISZ, 2002).

Em contrapartida podem aparecer também fatores que influenciam positivamente a busca pelo tratamento das crianças vitimadas, dependendo da forma como seus pais ou cuidadores reagem emocionalmente, ou seja, se não se entregam à depressão (COHEN; MANNARINO; KNUDSEN 2005). Se os parentes proporcionam um forte suporte emocional à criança, há estudos que revelam resultados positivos após um ano de tratamento (COHEN; MANNARINO, 2000).

De qualquer forma, conforme Erthal (1986) a relação terapêutica com o cliente pode auxiliá-lo a desenvolver uma relação melhor consigo mesmo, levando essa melhoria a outros relacionamentos pelo processo de generalização. De modo geral, poderá diminuir as exigências sobre si, feitas a partir do outro e que são incorporadas ao seu comportamento para ser aceito. Ao ser acolhido sem julgamento, pode experimentar uma aceitação de si, com menor nível de conflito ou mesmo sem ele.

Para finalizar destaca-se o que Perls (1977) já afirmava sobre a terapia, ou seja: que consiste em dar ao cliente formas de lidar com o que o incomoda por meio da melhoria de sua autoestima, fazendo o enfrentamento de seus problemas com os recursos que tem.

Se a cada momento puder verdadeiramente perceber a si próprio e as suas ações seja em que nível - fantasia, verbal ou físico - pode ver como está provocando suas dificuldades presentes e pode ajudar-se a si próprio a resolvê-las no presente, no aqui e agora. Cada resolução torna mais fácil a próxima porque cada uma delas aumenta sua auto-suficiência (PERLS, 1977, p. 75).

3 METODOLOGIA

Uma vez delineados os objetivos, foi necessário identificar métodos e técnicas que melhor auxiliassem na sua consecução. Assim, buscou-se identificar o tipo de pesquisa mais adequado, o caminho metodológico a ser percorrido, as variáveis envolvidas, as fontes dos dados, as formas de se coletá-los e o tratamento pertinente.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para realizar esta pesquisa, que envolve aspectos da vida adulta de homens que sofreram abuso sexual na infância, a abordagem qualitativa mostrou-se a mais adequada, uma vez que ela

[...] se ocupa da interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados no decorrer da pesquisa, não se detendo a técnicas estatísticas [...] Os processos e suas dinâmicas, as variáveis e as relações entre elas são dados para a construção de sentidos e os principais condutores da abordagem (BRASILEIRO, 2013, p. 49).

Em termos tipológicos esta pesquisa pode ainda ser classificada como descritiva e bibliográfica.

No primeiro caso, tem por objetivo descrever características de grupos ou fenômenos com utilização de técnicas específicas para coleta de dados (GIL, 2002). Elas buscam investigar dados e levantar informações de determinado grupo para analisá-los e interpretá-los, sem interferência do pesquisador em qualquer elemento que possa alterar os resultados da pesquisa (ANDRADE, 2002). Trata-se, portanto, da descrição dos aspectos que envolveram os pesquisados em termo do abuso sexual e suas consequências.

No segundo caso tem-se a pesquisa bibliográfica que, segundo Brasileiro (2013, p. 45) “É o primeiro passo de quase todas as pesquisas”, permitindo ao interessado se inteirar do que vem sendo publicado sobre o assunto. Nesse sentido, esclarecem Martins e Theóphilo (2006) que é preciso distinguir entre a revisão bibliográfica, que deu corpo à introdução e à contextualização do problema e, a fundamentação teórica, um capítulo separado para a discussão de conceitos e elementos teóricos que versam sobre a temática.

3.2 PERFIL DOS SUJEITOS E LOCAL

O campo foi realizado com uma amostra de seis adultos do gênero masculino que sofreram violência sexual na infância e que passaram ou não por processo psicoterápico. Esses sujeitos foram encontrados nas redes sociais, mediante indicação de amigos e para sua composição foi utilizada a técnica da bola de neve.

Esta técnica consiste em uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”) (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332)

Conforme recorte da temática, todos os entrevistados são do sexo masculino, sendo que cinco deles apresentam no momento orientação homossexual. Em termos do estado civil, apenas um é casado, e a idade varia entre 18 e 42 anos.

Os entrevistados foram denominados “Vencedor” e a seguir encontra-se o perfil de cada caso.

Os sujeitos participantes têm seu perfil e as características do abuso descritas no Quadros de 3 a 8, que constam no APÊNDICE C.

O caso 1, chamado Vencedor 1, é do sexo masculino, raça negra, estado civil solteiro, idade de 18 anos e orientação homossexual. Quando sofreu abuso, o entrevistado tinha seis anos, tendo sido violentado duas vezes, em diferentes dias, em sua própria residência, por um pastor amigo de sua família. O mesmo passou por processo psicoterápico e ainda faz acompanhamento psicológico.

O segundo participante, do caso 2 (Vencedor 2), é do sexo masculino, branco, solteiro, 31 anos e homossexual. O mesmo sofreu vários tipos de abuso, desde os cinco anos de idade, por diversas pessoas: o próprio pai, adolescentes da escola, vizinhos, um primo do seu vizinho e um amigo de seu pai. A vítima foi abusada em diversos locais: sua própria casa, escola, casa de um amigo do seu pai e na residência de um vizinho. Nunca se submeteu à terapia.

O terceiro caso, contempla a situação vivida pelo Vencedor 3, do sexo masculino, negro, solteiro, com 21 anos e orientação homossexual. À época do abuso contava com seis anos de idade, tendo sofrido a agressão, por uma única vez, nos fundos de uma igreja católica, sendo seu agressor um membro da congregação. O entrevistado nunca fez psicoterapia.

O quarto participante, de codinome Vencedor 4, possui as seguintes características: sexo masculino, branco, casado, 32 anos de idade e orientação heterossexual. O entrevistado não recordou com precisão a idade que tinha quando sofreu o abuso, mas acreditava ter entre 6 a 8 anos, quando foi abusado por um vizinho, no período de um mês. Nunca fez terapia.

O Vencedor 5, descrito no caso 5 desta pesquisa, sexo masculino, branco, solteiro, 25 anos, homossexual, foi abusado por uma prima, aos cinco anos de idade, na casa de sua tia. O mesmo nunca passou por processo psicoterápico.

O último caso, refere-se ao Vencedor 6, sexo masculino, branco, solteiro, 42 anos de idade e orientação homossexual, possuía seis anos na época em que foi vítima de abuso por tios e vizinhos, em sua própria casa e na residência dos tios, durante um período de cinco anos. O entrevistado já passou por acompanhamento psicológico.

3.3 A PROPOSTA DE COLETA DE DADOS

A proposta que norteou a coleta de dados foi a necessidade de se levantar o contexto de vida no qual se deu o abuso sexual, aspectos da autoestima dos participantes, bem como seu processo de construção, estratégias de enfrentamento e, por fim, se houve acompanhamento psicoterápico e se o mesmo contribuiu para a construção de uma autoestima saudável, por meio da entrevista, conforme as informações apresentadas na Tabela 1.

Para tal fez-se necessário um ambiente neutro ao pesquisador e pesquisados, de livre escolha dos participantes, com redução de ruídos e móveis confortáveis, para auxiliar e deixar os entrevistados mais à vontade.

As entrevistas, gravadas e transcritas, tiveram a duração média de uma hora e vinte e cinco minutos, foram realizadas entre 28 de Julho e 15 de Agosto de 2014, na residência do entrevistador com apenas um caso na igreja do entrevistado.

Tabela 1 – Informações acerca das entrevistas.

Entrevistado	Data	Local	Duração
Vencedor 1	28 de julho de 2014	Residência do entrevistador	1h20min
Vencedor 2	05 de agosto de 2014	Residência do entrevistador	1h25min
Vencedor 3	09 de agosto de 2014	Residência do entrevistador	57min
Vencedor 4	07 de agosto de 2014	Igreja do entrevistado	1h13min
Vencedor 5	12 de agosto de 2014	Residência do entrevistador	54min
Vencedor 6	15 de agosto de 2014	Residência do entrevistador	1h13min

Fonte: Elaboração própria.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

Nesta pesquisa foram utilizados três tipos de instrumentos de coleta de dados, quais sejam: a entrevista, o desenho e o levantamento bibliográfico. Os dois primeiros foram utilizados na pesquisa de campo, junto aos sujeitos. O último, na pesquisa bibliográfica.

3.4.1 A entrevista

Segundo Manzini (1991, p. 154):

[...] a entrevista semiestruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. [...]. É mais adequada quando desejamos que as informações coletadas sejam fruto de associações que o entrevistado faz, emergindo, assim, de forma mais livre.

Tomando esse conceito como base, foi elaborado um roteiro para a coleta de dados junto aos participantes (APÊNDICE A), contendo os seguintes aspectos: O sentimento durante o primeiro e o segundo desenho retratando respectivamente a situação durante o abuso e a situação atual; o ciclo do abuso; a revelação ou não do abuso; a característica intra ou extrafamiliar do abusador; o suporte recebido ou não; a interferência ou não na autoestima; a busca de um processo terapêutico ou não e a relação entre o abuso e orientação sexual.

As entrevistas foram gravadas e transcritas cujo texto constituiu a base da análise de conteúdo, conceituada por Bardin (1977) como uma averiguação no sentido da mensagem das verbalizações, de modo a inferir conhecimentos relacionados àquilo que o respondente pretendeu passar. Para aplicação da técnica, foi necessário desmembrar a análise em três etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos achados e interpretação.

A entrevista configurou-se como a dimensão dos fatos, resultando em seis categorias: O abuso; Abusado-abusador; Suporte Recebido; Autoimagem; Efeitos sobre a autoestima; e Processos psicoterápicos.

No caso da Autoimagem, ainda foi possível delimitar, a partir dos resultados, três subcategorias, a saber: pessoa suja; culpa; e inferioridade.

3.4.2 A técnica do desenho

Segundo Carvalho e Vergara (2002) a técnica do desenho auxilia a resgatar dimensões subjetivas das pessoas dentro do pressuposto da orientação fenomenológica, que orienta o pesquisador no sentido de compreender a construção da realidade no contexto da experiência dos pesquisados.

Essa técnica foi aplicada no primeiro contato, antes da entrevista, solicitando a cada participante retratar o momento do abuso e, após a entrevista, solicitando o registro estético ou imagético dos sentimentos atuais em relação aos fatos.

Os desenhos foram contemplados através da livre interpretação, com posterior complementação por parte dos participantes. Deles foram capturadas as dimensões subjetivas dos desenhos, resultando em: Sentimentos no primeiro desenho (antes da entrevista); e Sentimentos após as entrevistas, no segundo desenho.

Nesta pesquisa foram seguidas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, órgão do Conselho Nacional de Saúde, envolvendo seres humanos, estabelecidas na Resolução nº 196/96 de 10 de outubro de 1996, entre os quais as garantidas de participação livre e esclarecida, de anonimato e de sigilo quanto ao uso das informações prestadas (APÊNDICE B).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Este capítulo está dividido em duas partes, atendendo à estrutura da pesquisa, quais sejam: A análise das entrevistas e a compreensão do desenho.

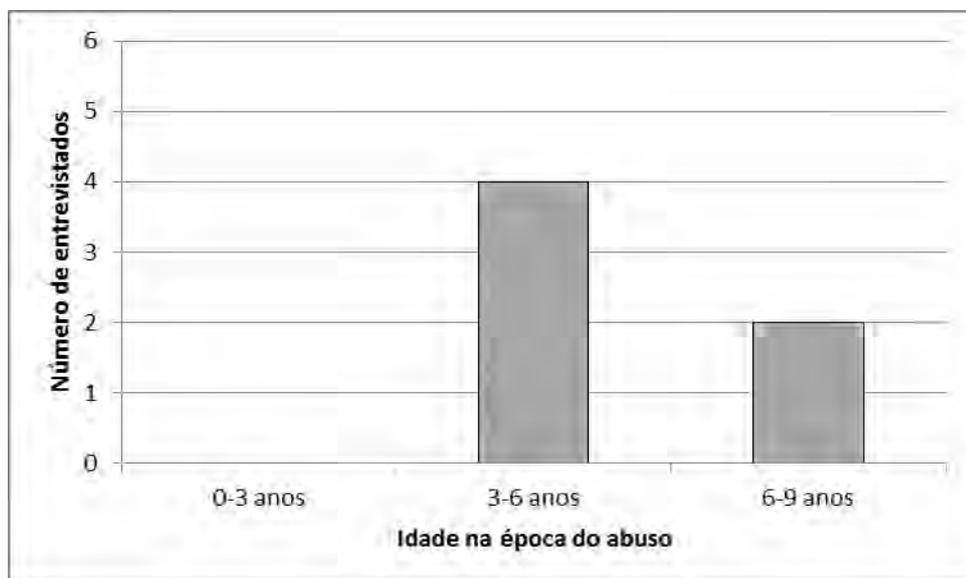
4.1 COMPREENSÃO GRÁFICA DOS DADOS

Para melhor compreensão dos resultados obtidos por meio das entrevistas, foram elaborados os Gráficos de 1 a 3.

As entrevistas revelaram que a idade média do abuso foi de seis anos. Para efeito de tabulação, as idades foram agrupadas em três faixas, a saber: 0 a 3 anos, 3 a 6 anos e 6 a 9 anos.

O Gráfico 1 mostra que quatro sofreram abuso com a idade entre três a seis anos, correspondendo à maioria, e os demais, entre seis a nove anos.

Gráfico 1 - Idade na época do abuso.



Fonte: Elaboração própria.

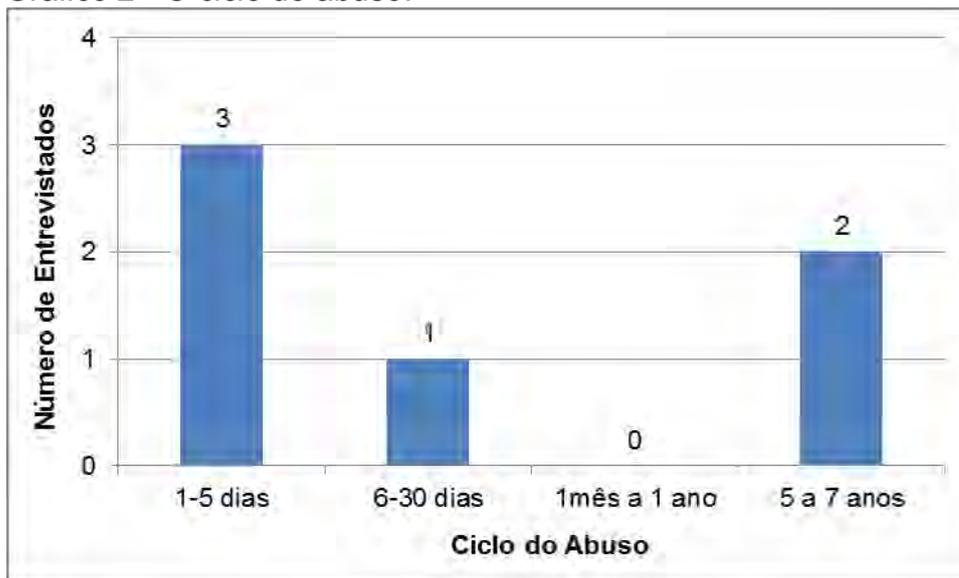
Em se tratando da frequência do abuso, as situações revelaram-se diversas tendo durado de um dia a 7 anos.

Com relação ao abuso, todos os entrevistados afirmaram não terem mencionado o ocorrido na época por se sentirem ameaçados, culpados, envergonhados e com medo de sofrerem preconceito. Dos seis participantes, dois levaram esse assunto a

seus terapeutas já na idade adulta e os quatro demais só agora, na entrevista, falaram do que lhes aconteceu.

Conforme pode ser verificado no Gráfico 2, três dos entrevistados sofreram abuso durante um a cinco dias; um entre seis a trinta dias; e os três restantes entre cinco a sete anos.

Gráfico 2 - O ciclo do abuso.



Fonte: Elaboração própria.

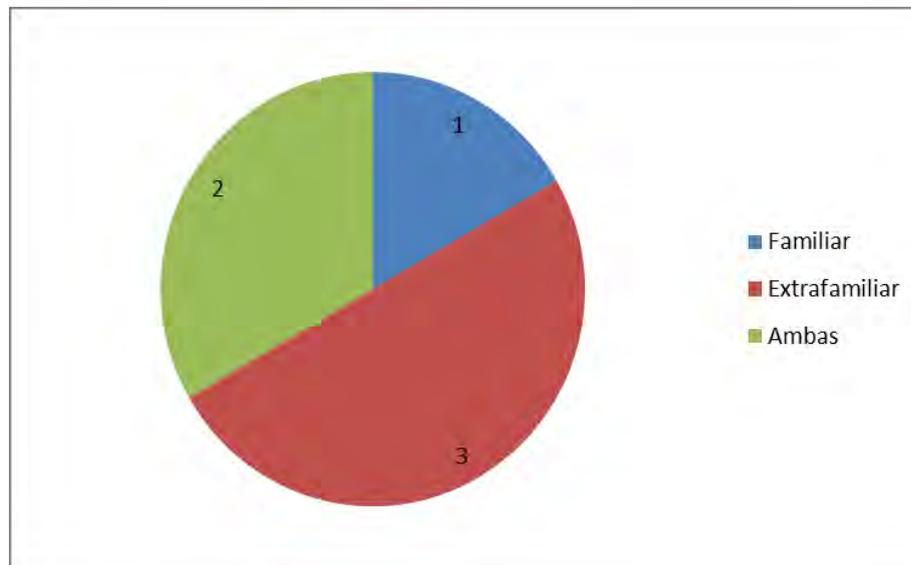
Em relação ao momento do abuso, todos os entrevistados relataram não ter recebido nenhuma espécie de suporte, nem familiar, nem de amigos, nem religioso e nem terapêutico, visto que alguns deles só procuraram psicoterapia depois de adultos e todos temiam, enquanto criança, serem incompreendidos pelas pessoas, já que nem as próprias vítimas tinham a real noção do que de fato lhes acontecera. Esses fatores acrescidos de um alto grau de vergonha e culpa, impediram que procurassem qualquer tipo de ajuda ou suporte.

Todos os entrevistados relataram que o abusador era alguém próximo a eles, destacando-se três perfis relacionados, quais sejam: familiar, extrafamiliar e ambas.

Por meio do Gráfico 3, pode-se verificar que em apenas um caso o abuso se deu somente por um membro da família; em três ocorrências, ou seja, a maioria, os abusadores eram pessoas do convívio, porém, fora do ambiente familiar. E na última

classificação ficaram duas respostas identificando abusos realizados tanto por familiares quanto por pessoas de fora desses laços.

Gráfico 3 - Proximidade do abusador e relação com o abusado.



Fonte: Elaboração própria.

Sabe-se que esse tipo de acontecimento pode levar a comportamentos que afetam a autoestima. Nesse contexto, as entrevistas revelaram que houve uma mudança na auto percepção dos entrevistados depois do abuso. O Quadro 2 mostra as principais verbalizações que deram origem às subcategorias dentro de “autoimagem”, quais sejam: pessoa suja; culpa; e inferioridade.

Entre os entrevistados o conteúdo com maior número de verbalizações diz respeito a se sentirem sujos, conforme afirmou enfaticamente o Vencedor 6: “Me sentia a pior das pessoas, a mais suja, a mais indigna, a mais usada, a mais indigna mesmo”.

Em segundo lugar, aparece a inferioridade, um sentimento de inadequação como pessoa de valor, o que pode ser exemplificado pela expressão do Vencedor 4: “Me sentia diminuído também... eu era um pontinho no meio de todo mundo”.

Por fim, tem-se o aspecto da culpa muito presente nos discursos durante as entrevistas, destacando-se “Uma criança culpada que estava pagando por algo muito ruim que havia feito, mas que não sabia o que era” (Vencedor 1).

Quadro 2 – Autoimagem após o abuso.

Entrevistado	Autoimagem
Vencedor 1	<p>“Uma pessoa sem identidade”</p> <p>“Eu não sabia mais quem eu era”,</p> <p>“Uma pessoa suja”</p> <p>“Uma criança culpada que estava pagando por algo muito ruim que havia feito, mas que não sabia o que era”</p>
Vencedor 2	<p>“Eu me sentia um lixo”</p> <p>“Tinha uma péssima imagem de mim”</p> <p>“Além de me sentir sujo, eu não me sentia homem”</p> <p>“As imagens mais fortes que eu tinha de mim era de alguém inferior e alguém extremamente sujo. Isso... alguém extremamente inferior e muito, muito, muito sujo”.</p>
Vencedor 3	<p>“Depois que tudo aconteceu, eu não conseguia mais me ver como uma criança comum como todas as outras”</p> <p>“Eu me sentia uma criança incomum porque eu tinha feito coisas que outras crianças não tinham feito. Então eu me sentia culpado, sujo e com vergonha”.</p>
Vencedor 4	<p>“Eu me senti sujo! Quando você coloca 20 crianças uma do lado da outra... 19 limpas e uma suja... você vai notar aquele sujo”</p> <p>“Me sentia diminuído também... eu era um pontinho no meio de todo mundo”.</p>
Vencedor 5	<p>“Me sentia inferior e diminuído, com a autoestima baixa. Nunca achava que seria capaz de ter o melhor... namorar a pessoa mais bonita, ser o melhor jogador, fazer tudo certo... sempre achava que algo daria errado, me contentava com pouco”</p>
Vencedor 6	<p>“Acho que eu nem tinha imagem de mim, porque ela era tão ruim, tão deturpada, tão... feia”.</p> <p>“Me sentia a pior das pessoas, a mais suja, a mais indigna, a mais usada, a mais indigna mesmo... de ter amigos, de ter relacionamentos, de ter alguém que gostasse de mim de verdade entende?”</p> <p>“Eu achava que eu vivia aquilo porque merecia... Porque tinha feito algo de mim errado ou porque eu era uma pessoa desprezível”.</p>

Fonte: Elaboração própria.

As entrevistas revelaram evidências da interferência do abuso na autoestima na medida em que cinco dos seis participantes, ou seja, a maioria acredita que o abuso sofrido influenciou negativamente em sua autoestima à época do ocorrido.

Dentre os sujeitos entrevistados, quatro não passaram por processo psicoterápico, ou seja, a maioria, e apenas dois foram submetidos à terapia. Dos que passaram por acompanhamento psicológico, todos relataram que o mesmo foi essencial para a reconstrução de sua autoestima e que o processo terapêutico lhes foi muito útil.

4.2 DESENHOS

Atendendo às especificações metodológicas da pesquisa, para complementação na coleta de dados, no viés qualitativo, cada entrevistado realizou um desenho retratando o momento do abuso no passado e outro, após a entrevista, retratando como esta questão é vivenciada no momento presente. Em seguida, os participantes explicavam o que haviam desenhado e atribuíram notas de 0 a 10 para a autoestima dos mesmos em cada desenho.

Os sentimentos dos participantes ao relembrem o fato, simbolizando-o por meio do desenho da época do abuso, foram variados. As respostas apresentaram as seguintes expressões: “Estranho”, “envergonhado”, “triste”, “confuso”, “engasgado”, “muito mal”, “constrangido”, “com raiva”, “puto da vida”.

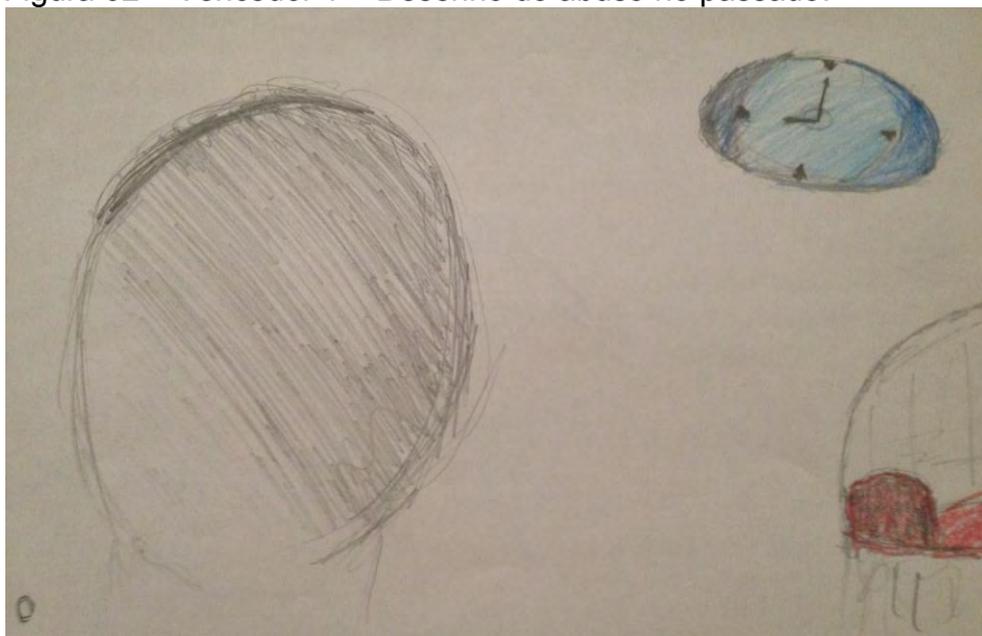
4.2.1 O caso do Vencedor 1

A Figura 02 refere-se ao entrevistado cujo codinome é Vencedor 1. A partir da sua explicação sobre o que foi grafado no papel, pode-se dizer que se trata da casa do entrevistado com destaque para o relógio. Na memória do abusado ficou que “logo na entrada tem a sala e de frente pra porta tinha um relógio azul” e o sofá “[...] onde tudo aconteceu”.

O círculo maior do desenho, hachurado parcialmente, representa, segundo o entrevistado, sua sensação logo após o ocorrido, ou seja, “[...] „meio assim”, sem saber o que tinha acontecido, sem saber quem eu era, sem saber de nada”. Uma cabeça sem rosto, pois para o Vencedor 1 “[...] desenhei sem olhos e sem boca porque acho que não podia falar nada naquele momento e eu não queria ver as coisas que eu vi naquele dia”.

O entrevistado relatou que o sofá à época era cinza e quando questionado sobre o vermelho no desenho explicou que representava “o sangue que saiu de mim naquele momento em que fui abusado. Sei lá... Talvez a dor que eu senti naquele momento”.

Figura 02 – Vencedor 1 – Desenho do abuso no passado.



Fonte: Vencedor 1.

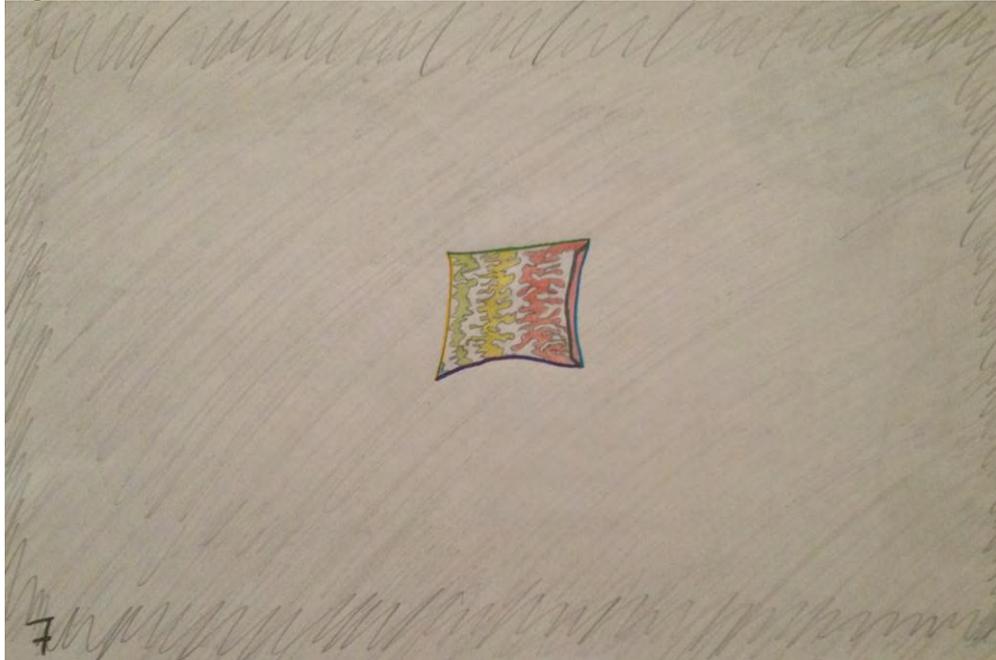
Por fim, registra-se uma visão geral do participante sobre seu desenho: “Esse desenho retrata momentos diferentes. O relógio na hora que ele tava chegando, o momento do abuso retratado no sofá, e depois como eu fiquei quando ele saiu e como eu fiquei”.

Numa escala de zero a dez, o Vencedor 1 atribuiu nota zero à sua autoestima após ter sofrido abuso sexual, confirmando os sentimentos relatados pelo mesmo de inadequação e de confusão emocional sobre sua identidade.

A Figura 03 contém a representação do abuso para o entrevistado no presente momento.

Observa-se que a folha está toda hachurada com um quadrado colorido no centro. Ao ser interpelado sobre o significado, o entrevistado esclareceu tratar-se de uma “[...] coisa embaçada como se fosse uma nuvem e tudo que eu tenho tentado fazer estivesse depois dela”. O quadrado no centro representa uma caixa colorida que aparentemente não tem significado. No entanto, sua verbalização expressa que “[...] tudo está dentro dela. Tudo, tudo, tudo, tudo: os objetivos, os desejos, todos os planos”.

Figura 03 – Vencedor 1 – Questão do abuso no presente.



Fonte: Vencedor 1

Na concepção do Vencedor 1, a caixa colorida “está depois da nuvem, dos problemas que eu já enfrentei”. Ele esclarece que após passar por processo psicoterápico, mesmo ao pensar no abuso, consegue “visualizar uma caixa com sonhos”. Esta postura tem grande significado uma vez que ele afirma ter passado a noite entre pensamentos por estar “[...] com novos sonhos e um deles é o de fazer intercâmbio”.

Ele esclarece ainda que a caixa colorida representa “a variedade dos sonhos que podemos ter” e que a mesma está entre nuvens que, segundo ele, “são as barreiras e os problemas a serem vencidos até chegarmos aos nossos sonhos”. Quando perguntado sobre o que seriam essas barreiras, o Vencedor 1 fez menção ao dia do abuso e da dificuldade em esquecer o ocorrido:

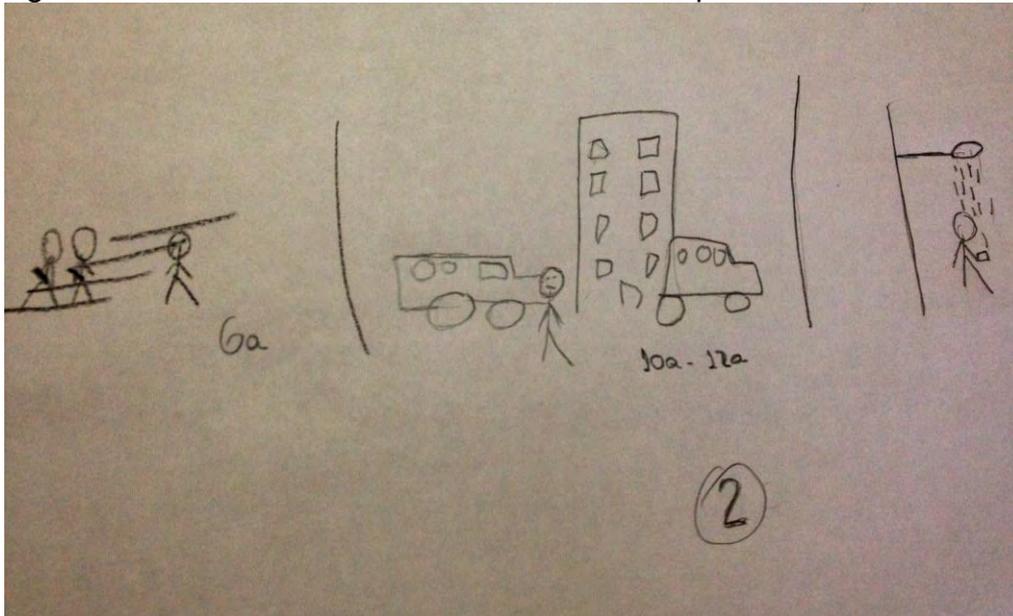
[...] as barreiras são representadas por mim mesmo que não esqueço o que deveria esquecer - aquele dia triste pra mim, porque ainda dói muito lembrar de tudo aquilo. Mas eu continuo tratando isso na terapia e sei que um dia isso vai passar. Eu tenho esperança, por isso desenhei a caixa colorida representando os sonhos (Vencedor 1).

Após realizar o segundo desenho e mediante suas explicações, o entrevistado atribuiu nota sete à sua autoestima e relata: “sei que ainda tenho que melhorar, mas a terapia me ajudou a sair do zero e a subir para esse sete aqui”.

4.2.2 O caso do Vencedor 2

A Figura 04 refere-se ao entrevistado cujo codinome é Vencedor 2 que foi abusado muitas vezes durante 7 anos, tempo que durou o ciclo dos abusos de que foi vítima.

Figura 04 – Vencedor 2 – Desenho do abuso no passado.



Fonte: Vencedor 2

Diante do material para a confecção do desenho composto de lápis de cor, giz de cera colorido, canetinha hidrocor e colas coloridas, (APÊNDICE D), observa-se logo de início que o entrevistado preferiu não utilizar nenhuma cor em seu desenho e explicou: “retratei as cenas do meu passado e elas não tinham nada de colorido sabe, nada de alegre que justificasse o uso de alguma cor, ao contrário, tudo foi bem cinza, sem vida e escuro pra mim”.

O entrevistado dividiu seu desenho em três partes que retrataram momentos em que se sentiu abusado. A primeira aconteceu quando o mesmo tinha seis anos de idade, numa escadaria do colégio onde estudava: “Eu era da classe de alfabetização do colégio americano e aí lá tem muitas escadas que eram desertas e eu estava passando por ali e tinham dois jovens se masturbando na escada”.

O entrevistado contou que nunca tinha visto algo semelhante e se sentiu chocado com as cenas que viu, mesmo porque os jovens continuaram a se masturbar mesmo com a presença de uma criança passando naquele local público. “A minha sensação era: o que que é isso? O que eles estão fazendo que eu nunca vi isso? Dois

homens... Foi uma sensação de choque! Eu me vi parado ali observando e chocado com aquilo. Foi uma sensação terrível de choque e estranheza”.

Mesmo não sabendo do que se tratava, o entrevistado sentiu-se perturbado mediante aquela cena ao ponto de ficar ali paralisado até quando conseguiu sair correndo do local assustado. “Eu não sabia o que era aquilo, mas sentia que não era correto, chocava. Era estranho demais pra mim e isso me deixou paralisado”.

O Vencedor 2 diz da confusão que aquela situação lhe causou à mente quando saiu dali:

[...] eu saí correndo dali, mas aquilo ficou na minha mente de uma forma bem forte, aquela cena. [...] saí dali assustado e nunca contei isso pra ninguém. Não tinha coragem. Eu fiquei muito confuso. A sensação que eu lembro é de eu parado chocado com aquilo.

No decorrer da explicação do desenho, o entrevistado deixou claro que passou por muitas situações de abuso, mas que conseguiu desenhar apenas aquelas no momento: “tiveram outras que não coloquei no desenho e que pra ser sincero eu prefiro nem lembrar”.

Seguindo a explicação do desenho, o participante ainda relata: “A primeira situação que eu desenhei foi bem confusa pra mim e essa do meio foi bem traumática mesmo”. Ele descreve que tinha entre dez a doze anos e que seu pai o havia levado para um passeio na praia que acabou de forma bem triste, conforme a seguinte verbalização:

[...] meu pai bebia bastante e lá na praia conheceu uma prostituta e um travesti. E eu lembro que na hora de ir embora a puta foi dirigindo o carro com o meu pai na frente, e o travesti foi atrás passando a mão na minha perna atrás e aí a gente tava indo pro apartamento desse travesti, ou dessa puta, não sei (Vencedor 2).

O entrevistado descreveu a angústia que sentiu naquele percurso e que seu pai ficava falando pra ele parar com comportamento infantil e deixar as coisas acontecerem.

O desenho em si descreve o momento de confusão do entrevistado quando tentou se livrar de uma situação ainda mais abusiva.

[.] a gente entrou no prédio na recepção e aí eu soltei da mão deles e saí correndo do prédio no meio da rua, desorientado. [...] eu fiquei totalmente perdido no meio daqueles carros e daí o meu pai subiu e eu fiquei totalmente sozinho ali na rua. E aí fui perguntando pras pessoas que ônibus eu pegava, aí eu passei por debaixo da roleta e consegui depois de muito

tempo chegar em casa, mas assim: em pânico, desesperado, e foi horrível, horrível (Vencedor 2).

Ao falar desse desenho, o Vencedor 2 deu evidências de sua necessidade de falar sobre o pai e a dor do abandono que sentia com as atitudes abusivas do mesmo. De acordo com as suas próprias palavras:

[...] meu pai nunca me abusou assim, sexualmente, fisicamente, mas ele me expos a muitas situações que eu me sentia abusado por ele, como essa... não era que ele me tocava, mas ele me entregava pras pessoas fazerem isso comigo. Então a minha sensação era de que ele não se importava comigo e desta forma também abusava de mim.

Ainda em sua narrativa, o entrevistado fala de outra situação vivida que se iniciou aos seis anos de idade: “[...] ele me mostrava revistas pornô e ficava me perguntando o que era aquilo nas fotos”. Apresentado precocemente à pornografia pelo próprio pai, o entrevistado conta que depois tentou reproduzir as cenas que via com um vizinho da mesma idade até sofrer novo abuso: “[...] depois aconteceu um momento em que um primo desse meu vizinho bem mais velho viu a gente „brincando” daquele jeito e daí ele abusou de nós dois juntos. E fez várias ameaças pra nós para que nunca contássemos nada pra ninguém”.

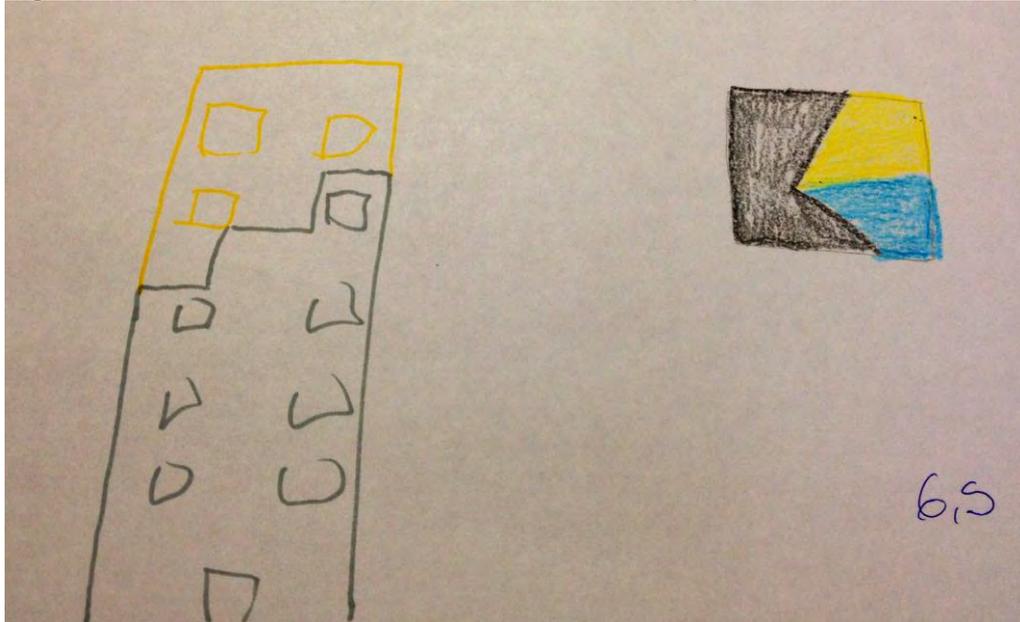
A última cena retratada expressa como o participante se sentia após vivenciar os abusos:

[...] minha situação era de nojo, de repulsa, de querer me lavar e me limpar. [...] Isso aqui talvez seja uma cena que se repetiu inúmeras vezes [...] eu sentia tanto, tanto, tanto nojo de mim e da situação que eu ia correndo pro banheiro e tomava horas de banho e pegava o sabonete e esfregava, esfregava, esfregava, inclusive passava o sabonete na boca, na língua, numa forma de tentar limpar aquilo que aconteceu. [...] quase sempre, depois que acontecia, minha atitude era correr para o banheiro e me lavar, lavar, lavar e lavar e me lavava todo exageradamente, inclusive passava sabonete na boca porque aconteciam situações de sexo oral e então eu lavava a minha boca e lavava tudo o que eu podia na tentativa de me ver limpo.

A nota dois que o Vencedor 2 atribuiu à sua autoestima, corrobora e enfatiza os sentimentos que o mesmo nutria sobre si mesmo em razão do estrago emocional produzido pelo abuso sofrido. “Me dei um dois sendo bonzinho comigo, mas acho que o abuso estragou tanto a minha vida que minha autoestima era quase zero”.

A figura 05 contém a representação do abuso para o entrevistado no presente momento. Ele desenhou duas figuras no papel utilizando material colorido e explicou que elas representavam a “luz e leveza desse momento que estou vivendo” e não mais só o preto como no seu desenho do abuso no passado.

Figura 05 – Vencedor 2 – Questão do abuso no presente.



Fonte: Vencedor 2

O participante desenhou um prédio em construção e explicou: “[...] hoje eu me sinto meio que assim, como um prédio em construção; a parte escura é a construída e a parte amarela o que está pra ser construída”. Afirma que ainda existe uma parte escura em sua vida, cheia de incertezas, medos e inseguranças e que ele próprio está em construção e tem crescido, a cada dia, como o prédio desenhado.

A imagem, no canto superior direito do papel, foi assim explicada: “[...] um quadro que simbolizaria a minha vida, o que eu era e o que sou hoje. É algo novo que está vindo e vem penetrando o que eu sou, trazendo mais luz e claridade ao espaço preto que eu classificaria como sujo em mim”.

Fez ainda outros esclarecimentos a respeito das cores utilizadas no papel:

O azul representa um pouco a minha tranquilidade e o amarelo a clareza de eu poder aparecer pras pessoas hoje e ser visto por elas. As cores ficam nesse cabo de guerra, mas eu sinto que essa parte amarela de luz está ganhando cada vez mais espaço. O azul foi mais pra simbolizar esses momentos de tranquilidade e de paz que hoje eu consigo sentir que antes eu não sentia. Hoje eu estou muito mais tranquilo em relação a mim, em relação a tudo. [...] aqui também tem uma parte escura, mas é como se a parte clara chegasse e fosse conquistando o seu espaço. Eu fiz azul por me sentir mais leve hoje e o mais claro por essa questão assim de luz (Vencedor 2).

Em seu depoimento, prossegue lembrando os tempos difíceis de seu passado que representou pela cor preta, e o que ele está vivenciando no momento presente, que representou com as cores azul e amarelo: “[...] antes eu só vivia na parte escura,

hoje eu posso ser visto, posso me apresentar pra outras pessoas, como se uma coisa mais leve, mais clara tivesse entrando nessa parte escura sabe? Mas ainda tem muita coisa da parte escura em mim”.

O Vencedor 2, após explicar o seu segundo desenho, atribuiu nota 6,5 à sua autoestima nos dias de hoje. Disse que está crescendo e melhorando a cada dia, não se percebendo apenas como uma pessoa suja, mas se percebendo como uma pessoa “em construção”. Nesse sentido ele complementa:

A minha autoestima era tão baixa que acho que eu já conquistei muito desde aquela época. Mas eu ainda quero conquistar mais, e é como se essa parte amarela fosse, assim, algo do novo que está chegando e que eu estou construindo e que pode vir ainda.

Além disso, fez referências às vitórias alcançadas com relação ao abuso, principalmente aos sentimentos relacionados ao próprio pai, e demonstrou desejo de procurar ajuda profissional:

[...] antes eu queria matar o meu pai e hoje eu já não penso mais isso e até converso com ele e sei contornar as coisas. Muitas situações eu consegui perdoar e deixar pra trás. Essas coisas influenciaram a minha vida e me marcaram, mas eu não fico remoendo-as ou botando o dedo na ferida. [...] depois dessa entrevista com você eu me senti mais confiante de procurar uma terapia pra trabalhar mesmo essa questão da minha autoestima. [...] queria resolver essa luta desse cabo de guerra aqui do desenho do quadro. Queria ter uma visão mais positiva de mim mesmo. Eu to me sentindo ainda um pouco sujo e inferior, mas sinto que essa é uma briga diária. Eu já venci muita coisa e eu ainda sei o que preciso romper pra chegar num equilíbrio, e talvez procurar terapia seja uma delas (Vencedor 2).

No que tange aos seus sentimentos no passado, o participante lembrou situações vividas no período escolar por se achar sujo e ter uma baixa autoestima devido aos abusos sofridos:

[...] como eu me sentia tão sujo e inferior eu só queria andar escondido e tipo, eu tive muitos problemas na escola. Eu tinha medo de estar na sala de aula, eu tinha pânico na hora da chamada em ter que falar „presente” e isso atrapalhou muito meu rendimento escolar pela minha autoestima tão baixa porque na verdade eu queria que ninguém me notasse. Se ninguém me visse seria um grande favor que a pessoa estaria me fazendo. Então a faculdade ainda foi bem difícil pra mim porque eu não gosto ainda de tanta exposição.

É importante destacar que esses sentimentos tiveram influência negativa em sua vida profissional: “[...] também sofri muitos problemas com relação aos empregos que tive pela minha baixa autoestima que era péssima. Se alguém falasse que eu fiz alguma coisa errada no emprego, eu queria ir embora”.

O Vencedor 2 finaliza sua fala esperançoso de alcançar êxito na busca de uma autoestima mais saudável:

Hoje eu tenho de mim uma imagem mais positiva do que antes, mas foi muito difícil pra chegar nesse ponto. [...] Esse espaço amarelo irá sobressair essa parte preta ainda em mim. Estou tentando construir uma nova autoestima e vou conseguir. Me abrir com você hoje foi um grande passo e agora vou procurar ajuda e ser uma pessoa ainda melhor.

4.2.3 O caso do Vencedor 3

A Figura 06 representa o local onde o participante foi abusado aos seis anos de idade. Ele desenhou, ao centro, um caminho que dava para a igreja do bairro onde frequentava com sua avó; estrelas e a lua representando a noite; dois prédios à esquerda representando o lugar aonde foi abusado e a sua própria imagem junto com o abusador perto do local do abuso. Colocou também a nota que atribuía à sua autoestima na época.

Figura 06 – Vencedor 3 – Desenho do abuso no passado.



Fonte: Vencedor 3

O entrevistado desenhou: “[...] a rotina que era quando eu tinha seis anos, que foi a idade quando aconteceu”. E prossegue explicando o ambiente físico: “eu moro num condomínio e nesse condomínio tem uma igreja. Aí tinha um caminhozinho. É tipo

uma passagem secreta. Um beco entre os prédios. A gente sempre passava por ele pra ir à igreja, eu e minha vó no caso”.

Depois passou a falar sobre a pessoa do abusador e do seu contato com ele: “[...] tinha esse cara que eu não lembro dele no nosso ciclo de amigos. Ele sempre ficava afastado, nunca era alguém que ficava no nosso meio, aí ele ficava me olhando e falando coisas comigo”.

Enquanto explicava seu desenho, o Vencedor 3 descrevia como o abusador o abordou dentro da igreja e explica o que aconteceu em seguida:

[...] na igreja ele me chamou pra ir pra fora [...] aí a gente passou por esse caminho que eu sempre passava pra ir pra igreja, e perto tinha dois prédios assim e entre esses dois prédios tinha um espaço, e era escuro, de noite, e não tinha iluminação alguma, mesmo com as luzes dos prédios o local era escuro e não dava pra ver nada praticamente. Daí ele segurou minha mão e me levou entre o meio dos prédios e começou o abuso.

O momento do abuso foi assim relatado por ele:

[...] a gente foi indo pelo caminho e quando chegou nos prédios lá fora ele falou: „entra aqui“. [...] daí ele falou bem assim: „Chupa o meu dedo“. Aí eu fiquei com muito medo nessa hora. Mas sabe, você é uma criança, o que você vai fazer? Você tá no escuro, num beco. Não ia dar uma de louco e sair correndo, gritando, sei lá. Fiquei meio paralisado, sem ação. Aí eu chupe o dedo dele. [...] depois ele falou mais ou menos assim: „Agora você vai fazer a mesma coisa só que com outro dedo“, então ele abaixou a calça, colocou o pênis pra fora e me fez chupá-lo. (Vencedor 3)

O Vencedor 3 enfatizou que se lembra como ficou após o abuso: “[...] muito assustado, fiquei com muito medo e falei que queria sair, alguma coisa assim. Não me lembro exatamente como foi. Aí eu voltei pra Igreja muito, muito assustado”.

Falou ainda da insegurança em revelar o que aconteceu para as outras pessoas, do peso de guardar consigo o ocorrido, do medo da reação de seus pais e de ser mal interpretado por eles:

[...] uma criança tendo que guardar um segredo. Sabe tipo, meu Deus, e se alguém descobre isso? Eu achava que podia me trazer mais problemas pra mim do que pra ele porque eu era uma criança e apanhar dos pais é um medo real. Eu tinha muito, muito medo que meus pais ficassem sabendo. (Vencedor 3)

O participante revela que isso trouxe uma série de problemas em sua identidade e autoestima porque se enxergava como uma criança culpada que “havia feito algo feio e errado” e que era “diferente das outras crianças”.

Ao mencionar a nota cinco atribuída à sua autoestima ele explica que o abuso mudou a sua percepção de si mesmo e alterou suas emoções em relação às outras pessoas: “aquilo me trouxe muito medo e confusão na época e eu me via muito diferente das outras crianças, parece que perdi minha identidade. [...] me sentia culpado, sujo e com vergonha”.

A figura 07 retrata como o Vencedor 3 está lidando com o abuso atualmente.

Figura 07 – Vencedor 3 – Questão do abuso no presente.



Fonte: Vencedor 3

No desenho há um super-herói ocupando a maior parte do desenho e a cena do abuso vivida no passado, em menor dimensão, na parte inferior do papel, simbolizando superação, a vitória do participante sobre o trauma, sua ressignificação e o seu crescimento como pessoa. “[...] você pode perceber aqui que essa parte debaixo do desenho é a mesma do outro. Eu tentei fazer mais ou menos a mesma coisa. Quando eu coloquei assim é tipo porque essa situação ficou lá pra baixo e que eu superei sabe? Cresci.”

O entrevistado segue falando da sua superação, mas salienta que nem sempre é fácil superar um abuso, dependendo do grau e duração do mesmo e que situações dessa natureza podem gerar danos e malefícios às vítimas, principalmente se ocorridas na infância: “[...] esse herói sou eu que superei e cresci, embora eu ache que casos que acontecem hoje em dia podem afetar e muito as crianças, principalmente as que são constantemente abusadas”.

Acrescentou ainda que, devido ao fato de ter acontecido apenas uma intercorrência, acredita que teve menos problemas a tratar e a superar. Em suas palavras

Esse desenho me diz de uma superação e que hoje eu sou superior ao abuso. E sei quem eu sou. Agora estou sorrindo neste desenho e tenho um rosto, o que antes eu não tinha por não saber direito quem eu era. [...] eu quis desenhar um herói porque esse abuso não me atinge mais e eu me desenei bem maior que essa situação. É um detalhe que aconteceu e não irá acontecer mais (Vencedor 3).

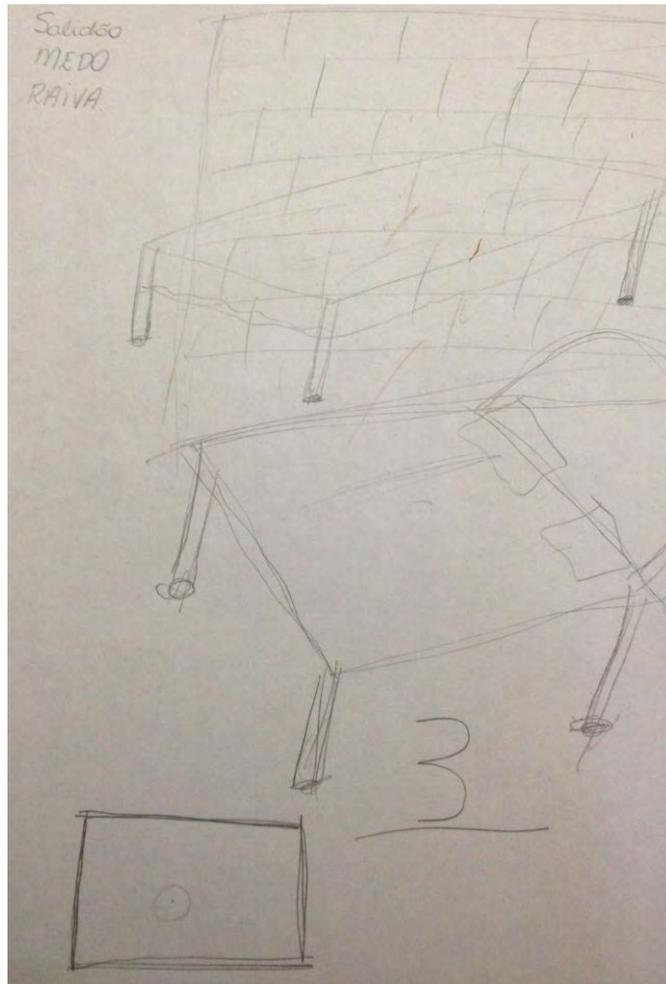
É importante destacar que mesmo não tendo passado por acompanhamento psicológico, conseguiu ressignificar o seu passado e trabalhar em sua autoestima, atribuindo à mesma nota 10, conforme mostra seu desenho na Figura 07.

4.2.4 O caso do Vencedor 4

A Figura 08 retrata o local em que o entrevistado sofreu o abuso. Traduzida em suas palavras: “[...] eu lembro que eu estava no quarto, tinha uma parede que separava um cômodo do outro. Minha mãe já era de idade e estava no quarto ao lado, na cama de casal, bem próximo à parede que nos separava”.

Por ser muito tímido, teve muita dificuldade em falar sobre o assunto, por se tratar da primeira vez que trazia o assunto à interlocução em toda a sua vida. Diferentemente dos outros participantes, o Vencedor 4 explicava sua história enquanto desenhava, de cabeça baixa, sem se colocar em postura face a face, na maioria do tempo com os olhos cheios de lágrimas que molhavam o desenho que estava fazendo.

Figura 08 – Vencedor 4 – Desenho do abuso no passado.



Fonte: Vencedor 4

O desenho deixa claro a existência de dois ambientes e que no início do abuso ele estava sozinho em casa, lamentando-se pelo fato de sua mãe não estar ali para socorrê-lo, tendo experienciado sentimentos de solidão, medo e raiva, que foram grafados no desenho. Para sua salvaguarda, no decorrer da violência, sua genitora adentrou o quarto contíguo, dando-lhe ensejo a ser socorrido.

Relata que durante o primeiro momento da ocorrência

[...] ele segurou a minha boca, eu tentei gritar várias vezes... ele era maior, bem forte... Ele deveria ter uns 18 anos ou mais. E eu lembro que eu gritei várias vezes, e a minha mãe estava deitada aqui na cama e perguntou: “O que está acontecendo?”, e ele falou: “Nada não” (Vencedor 4).

O participante continuou descrevendo o momento do abuso: “ele me jogou em cima da cama, eu bati as pernas aqui e fiquei na posição adequada para ele. Roupa eu lembro que não tirei... se eu não me engano, acho que ele baixou só minhas calças, e eu lembro que ele forçou esse abuso”.

Durante a entrevista, deu ênfase à tristeza que sentiu por sua mãe, logo no primeiro momento de seu pedido de socorro, não ter ido verificar o que estava acontecendo no quarto ao lado. Informou que apesar das dificuldades devido ao fato de o agressor ser mais forte, não lhe foi tão fácil impedi-lo de gritar e, ao chamar novamente a mãe conseguiu dizer o nome de seu violentador:

[...] eu falei o nome do indivíduo... não lembro o nome dele, mas entre me livrar e tirar a mão da minha boca eu consegui falar que ele estava tentando colocar o pinto dele no meu cu, lembro que foi assim mesmo que eu falei, e ela disse: „Olha, olha o que vocês estão fazendo aí, heim!“, mas em momento nenhum teve vontade de ir lá, não sei porque e me senti abandonado naquela hora.

O entrevistado prosseguiu sua narrativa sobre esse primeiro abuso que sofreu e dos sentimentos provenientes desta situação:

Ele conseguiu em partes o que ele queria, tirou o pinto pra fora, conseguiu tirar a minha calça, e ficou roçando nas minhas partes íntimas. Não sei se ele conseguiu direito, pois eu me mexi muito, lutei contra aquilo. Acredito que teve penetração sim, mas ele não se satisfaz, não foi suficiente pra ele, eu consegui me conter aos poucos, me segurar, mas acredito que ele tentou, forçou, porque sangrou. Tive raiva, medo e vergonha, fui ao banheiro, usei papel higiênico, chorei muito e me lavei ali sozinho (Vencedor 4).

O Vencedor 4 relatou que circunstâncias abusivas como essa se repetiram, mas que ele tentou se furtar da presença do abusador, saindo de casa: “Isso aconteceu talvez umas quatro vezes, porque chegou um momento que, quando eu percebia que ele iria lá em casa, eu dava um jeito de sair”.

Afirmou também ser ameaçado constantemente pelo abusador caso alguém ficasse sabendo do ocorrido e seguiu relatando mais uma situação abusiva em que se sentiu impotente, ressaltando o quanto o abuso lhe trouxe problemas em sua orientação sexual:

[...] ele me ameaçava quando eu falava que iria contar pra minha família dizendo que meus irmãos não acreditariam em mim e me espancariam por ter “virado viado”. [...] Eu lembro que ele me jogou aqui na cama, forçou minha cabeça contra o colchão e isso ficou na minha cabeça muito tempo, mexeu muito com o meu lado sexual. Não sabia como me defender e me senti indefeso nesse quarto (Vencedor 4).

O entrevistado seguiu falando que, mesmo quando os abusos tiveram fim, suas memórias não deixavam de lhe atormentar e causar confusão emocional referente à sua sexualidade: “[...] em alguns momentos da minha trajetória eu acabei ficando indeciso sobre o que ser da vida, por causa desses atos. Eu não tinha pai que me falasse sobre sexualidade e a minha mãe nunca conversou sobre isso comigo”.

Expressou também que tão ruim quanto o abuso em si, era o sentimento de abandono, angústia e dor em guardar o que vivenciou, sem poder contar pra ninguém em face do medo de ser mal interpretado e sofrer preconceito das pessoas.

“Na verdade eu me senti sozinho, perdido. [...] tinha muito medo de que alguém ficasse sabendo e me tachassem de gay e foi a minha base cristã que me ajudou a organizar minha mente e ter um casamento heterossexual”. Ainda assim ele ressalta que, mesmo feliz com seu casamento, no início teve muitas dúvidas com relação à sua sexualidade: “[...] hoje eu me encontrei, to casado e feliz, mas o abuso mexeu muito com minha área sexual, me trouxe algumas confusões, muitas por sinal. [...] ele feriu minhas perspectivas como homem”.

O Vencedor 4 relata que cresceu angustiado, com vergonha e medo de ter seu segredo revelado e sofrer um preconceito maior, já que não podia contar com o entendimento e apoio de sua família:

[...] eu não sei se aquele desgraçado chegou a falar com as pessoas, mas às vezes no meio de alguma brincadeira com os amigos na rua alguém comentava alguma coisa: “Ah, você deu pra fulano”, com o termo chulo mesmo. E eu sempre negava. Só que eu cresci com essa vergonha, porque minha família não tinha e até hoje não tem uma compreensão dessas coisas. [...] me senti uma bomba prestes a explodir. Não tinha com quem contar, me abrir, desabafar. To fazendo isso agora depois de anos com você.

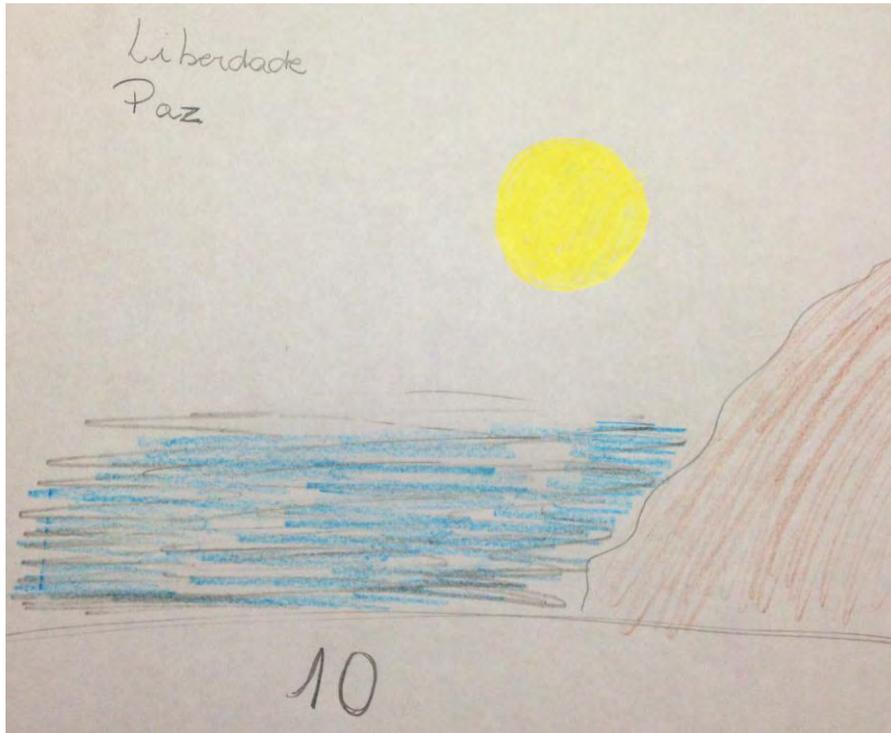
O participante fala de outras circunstâncias que sofreu chacota, no próprio seio familiar, por ser sido adotado e fala o quanto temia que seus parentes soubessem do ocorrido:

[...] se eu quisesse contar isso pros meus irmãos, desabafando, pedindo socorro, eles não entenderiam. [...] em algum momento eles usariam isso contra mim, querendo zombar da minha dor, pois, já sofri muito por ser filho adotivo. [...] se por uma coisa que era tão delicada pra mim, eles nunca tiveram esse zelo, por que teriam de uma coisa que poderia até ser motivo de graça? Então nunca me senti à vontade para falar com ninguém (Vencedor 4)

No que se refere à sua autoestima na época em que foi violentado, o entrevistado fala do forte abalo sofrido em virtude dos abusos vivenciados. “Essas coisas afetam muito a gente, qualquer criança na verdade. Minha infância foi difícil por conta disso, eu me sentia mesmo sujo e muito inferior”.

A Figura 09 retrata como Vencedor 4 está lidando com a questão do abuso no presente. Ele grafou no papel uma paisagem que representa a liberdade e a paz que hoje sente em comparação ao desequilíbrio emocional vivido em sua infância.

Figura 09 – Vencedor 4 – Questão do abuso no presente.



Fonte: Vencedor 4.

O desenho retrata o mar, uma montanha e o círculo em amarelo que explicou ser o sol pela manhã e a lua à noite. “[...] o mar representa a calma que eu sinto hoje. No passado, esse mar seria agitado e revoltado, como era o meu interior”. Ele segue expressando que a montanha desenhada representa “os obstáculos da vida que são essenciais para o nosso crescimento como pessoa. [...] eles tornam a paisagem mais bonita!”. Por fim, fala da importância do sol, que faz com que o dia seja mais bonito, e da lua que ilumina as noites escuras. Classificou sua autoestima como excelente, dando a si mesmo uma nota dez. Ressalta que agora tem motivos para fazer um desenho colorido e cheio de vida, “[...] diferente da escuridão que eu vivi por muito tempo, cercado por sombras de medo e solidão causadas pelo abuso”.

4.2.5 O caso do Vencedor 5

A Figura 10 representa o abuso sofrido pelo Vencedor 5, único caso entre os entrevistados em que o abusador era do sexo feminino. O fato se deu uma única vez, na cidade de Campos-RJ, conforme registrado no canto superior direito do papel.

O desenho retrata uma festa de família na casa dos tios da vítima que, com cinco anos de idade, foi forçada a beijar a boca de sua prima de vinte anos. Embora o entrevistado tenha classificado o seu abuso como leve, afirma: “[...] aquilo me traumatizou. Eu era muito novo pra entender aquele tipo de intimidade e minhas emoções ficaram bem confusas e muito abaladas”.

Figura 10 – Vencedor 5 – Desenho do abuso no passado.



Fonte: Vencedor 5.

Prossegue a explicação de seu desenho, falando mais claramente do abuso em si:

Eu lembro que estava “na minha” quando minha prima, bem mais velha, com mais ou menos uns 20 anos, tentou me beijar na boca a força. Eu corri desesperado em volta da casa, e ela me seguiu, até que conseguiu me alcançar e realmente me beijou. Mas foi aquele beijo de língua molhado e invasivo. Foi horrível! [...] eu tentava sair, mas ela enfiava a língua dela na minha boca e aquilo me deixou muito mal, tanto que até hoje eu me lembro disso, até do gosto e do cheiro do batom dela (Vencedor 5).

Falando sobre o ocorrido, o participante acredita que o abuso não tenha durado muito tempo e retrata: “mas para uma criança assustada, parece que durou uma eternidade”.

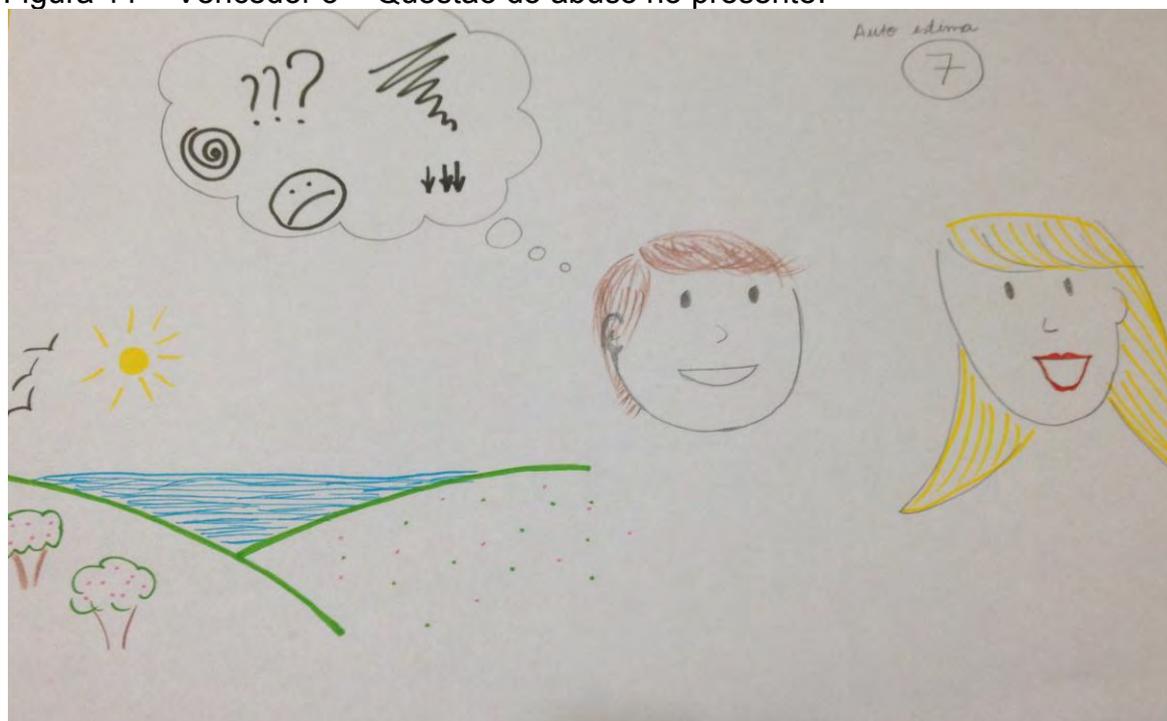
Ele fala do desespero e confusão que tomaram conta de suas emoções como criança. “Não entendia porque ela estava fazendo aquilo, me beijando daquele jeito. Me senti agredido e violentado, só não sabia expressar tal sentimento”. E prossegue sua fala: “Eu percebi no início que alguma coisa naquela „demonstração de carinho”,

estava errada, porque ninguém nunca tinha feito àquilo comigo, e também por que eu não tinha tanta intimidade com ela, como tinha com meus pais”.

O entrevistado fala do gerado trauma por ter sido forçado àquele gesto vindo de uma pessoa de sua própria família. “Engraçado que não me lembro de muita coisa dessa época da vida, mas isso me traumatizou a ponto de jamais esquecer. [...] lembro do perfume dela, do gosto e cheiro do batom e daquela língua invadindo a minha boca”.

Após, a explicação do primeiro desenho e de dar a sua entrevista, o Vencedor 5 expressou no papel (Figura 11) como se encontra esta situação nos dias atuais.

Figura 11 – Vencedor 5 – Questão do abuso no presente.



Fonte: Vencedor 5.

A paisagem desenhada, segundo o participante, simboliza uma tranquilidade que o mesmo tenta passar para os seus familiares quando está perto de sua prima porque tem receio que alguém descubra o que aconteceu. Ressalta que, aparentemente, aos olhos das pessoas, ele mantém com sua prima “uma relação razoavelmente boa”, porém, carrega consigo ainda muitos pensamentos confusos acerca do que aconteceu.

Detalhando a explicação do seu desenho, ele volta a falar do trauma:

As pessoas acham que eu não tenho nenhum trauma até porque sou muito fechado e nunca me abri pra ninguém com relação a isso, mas a verdade é

que, no fundo, ainda existem traumas deixados daquele dia que carrego comigo até hoje. Por exemplo: beijo pra mim é uma coisa complicada, é muito estranho o que sinto e isso me atrapalha em minhas relações até hoje pelo certo nojo e aversão que eu sinto (Vencedor 5).

O participante acredita que, em função do seu abuso ter ocorrido em “menor gravidade”, conseguiu superar um pouco a situação traumática. Ao falar de sua autoestima atribuiu nota sete, salientando: vejo que minha autoestima melhorou um pouco. Acho que estou conseguindo superar isso. Pretendo buscar ajuda”.

Quando orientado sobre o trabalho que exerce o psicólogo, o entrevistado disse:

Sempre fui muito fechado por causa disso e até me abrir com você eu achava outra coisa sobre o que era ir a um psicólogo. Agora vejo a importância em fazer um tratamento pra entender melhor essas questões que eu sinalizei no desenho através dos pensamentos que costumo ter. [...] quero que minha autoestima cresça cada vez mais e quero mesmo que a tranquilidade da paisagem desenhada seja uma realidade em minha vida (Vencedor 5).

4.2.6 O caso do Vencedor 6

A Figura 12, desenhada pelo participante de codinome Vencedor 6, expressa os abusos vividos pelo mesmo no passado. Registra-se aqui que este participante foi o que mais demorou a terminar o desenho e o fez com lágrimas nos olhos. Em suas palavras, ele afirma: “desenhei várias coisas nessa folha que atormentaram a minha vida durante anos, mas se eu fosse descrever tudo, me faltaria papel”.

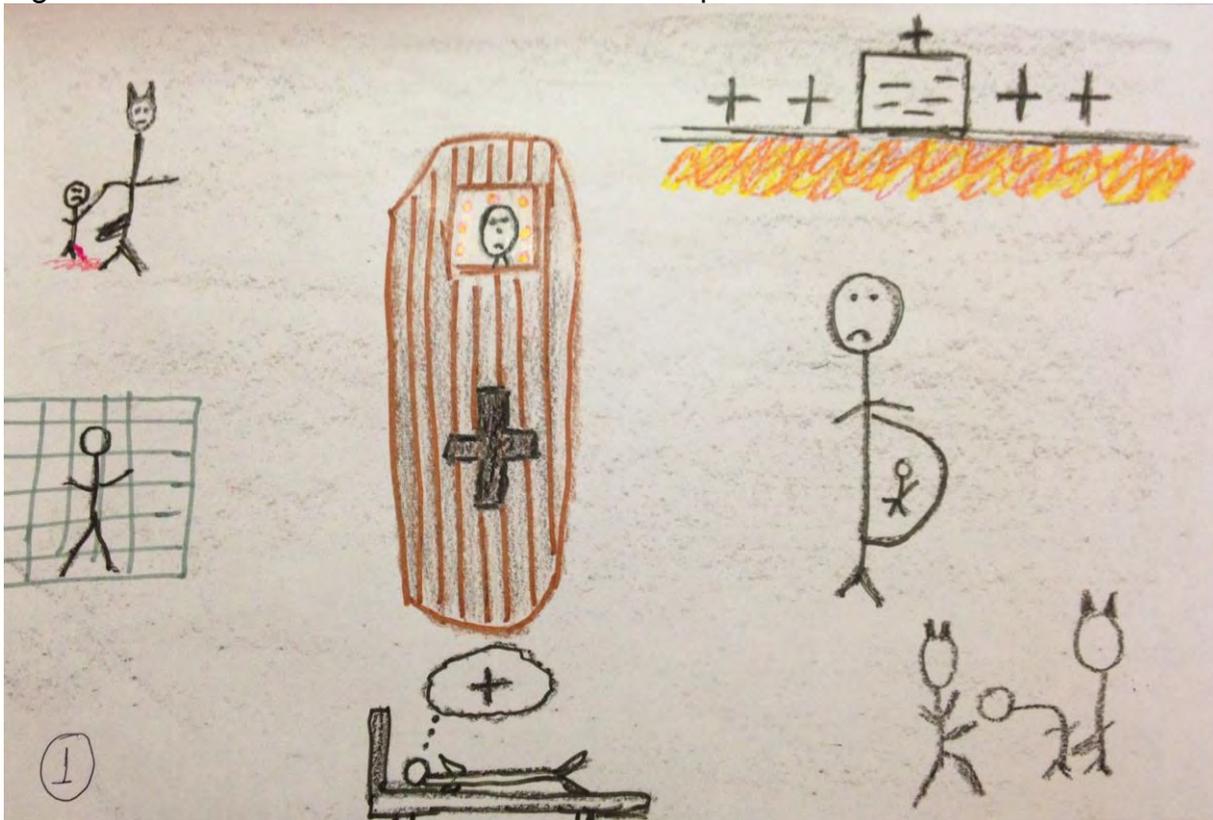
O desenho retrata momentos da violência vivida pelo participante durante anos de abuso físico e emocional, em sua fala classificados como “tortura do corpo e da alma”.

Quando solicitado a explicar o seu desenho, o entrevistado ficou em silêncio por um tempo, entrando em contato com sua dor e com o que desenhara.

Quando se sentiu pronto, porém emocionado e ainda com lágrimas, explicou:

[...] eu desenhei apenas dois momentos do abuso sexual, físico mesmo. Porque eu me sentia abusado emocionalmente também. Eu tinha cerca de cinco anos, quando começou e isso tudo durou muitos anos... Eram parentes e depois vizinhos dos meus parentes que também abusavam de mim. Meus pais trabalhavam fora e me deixavam na casa dessas pessoas. Lembro que eu chorava muito e falava que não queria ir, mas meus pais nunca me deram ouvidos (Vencedor 6).

Figura 12 – Vencedor 6 – Desenho do abuso no passado.



Fonte: Vencedor 6.

Percebeu-se uma demonstração de pavor do entrevistado para com a figura austera de seu pai que contribuía para que um ambiente de ameaças, insegurança e abusos emocionais fossem construídos em sua mente: “Meu pai sempre foi muito severo e eu sempre tive medo dele... Aliás, meus abusadores usavam essa brabeza do meu pai pra me ameaçar, falando que ele me mataria se soubesse disso”.

A primeira figura, no canto superior esquerdo, retrata, segundo descrição do Vencedor 6, “a primeira vez que tudo aconteceu”. Ele explica que desenhou o tio que lhe abusou com chifres e fala também sobre a cor vermelha no desenho representando o sangue advindo de toda a violência utilizada: “Parece que não saiu só sangue do meu ânus não. O meu coração também sangrava e se rasgava com tudo aquilo. [...] pessoas que eu confiava, passei a vê-los como pessoas do mal, por isso hoje eu os desenhei como diabos”.

O desenho logo abaixo mostra o entrevistado preso a uma prisão. Segundo sua descrição, ele “parecia viver enjaulado e sem perspectiva de liberdade e sonhos”. E continua sua explicação:

Era assim que vivi durante anos, sabe... Como numa prisão interior... Um cárcere emocional. Não sabia quem eu era, nem o que eu tinha feito pra

merecer aquilo. [...] parecia ser um castigo por algo de muito ruim que eu havia feito... Era como um cárcere de culpa e nessa cela ou calabouço estavam presas comigo toda a humilhação, vergonha, dor, indignação e ódio que eu sentia (Vencedor 6)

O sofrimento, advindo das situações descritas acima pelo entrevistado (humilhação, vergonha, dor, indignação e ódio) causadas pelo abuso sofrido, fez com que o mesmo pensasse em suicídio por muito tempo e tivesse sonhos recorrentes de sua morte e da morte dos seus abusadores. “Pensei tantas vezes em acabar com a minha vida e tinha pesadelos constantes com isso. [...] confesso que torcia muitas vezes para que os meus abusadores morressem ou tivessem um fim bem trágico”.

O Vencedor 6 explica que os desenhos do centro da folha (uma pessoa dormindo e um caixão marrom) simbolizam “os pesadelos de suicídio e morte que tive durante esses anos todos”. Ressalta que ainda tem vários pesadelos, porém, em menor frequência depois que começou a tratar o assunto na psicoterapia.

Eu sonhava várias coisas: com a morte deles, mas principalmente com a minha própria, com as pessoas descobrindo o que eu passei e me desprezando, com meu pai me matando; porém o sonho que se repetia com mais frequência era eu me suicidando mediante tanta vergonha, dor e desprezo que eu nutri até começar a tratar isso nas sessões de terapia (Vencedor 6).

A figura no canto direito superior da folha, segundo o entrevistado seria o inferno, tanto no sentido literal representando um local onde as pessoas malvadas são destinadas após a morte, quanto no sentido figurado representando o tormento vivido internamente pela vítima: “Tendo sido abusado por homens eu fiquei sem saber o que eu era. E sempre ouvi falar na igreja que homens que transam com outros homens vão para o inferno. [...] sofri esse tormento por muitos anos”.

O entrevistado relata com tristeza que além de tudo o que sofreu em face do abuso, tinha ainda que ouvir julgamentos na igreja, local que para o mesmo “deveria ser um lugar de encontrar alívio pra essas dores da minha alma”. Ele expressa que já chegou a pensar em relatar o ocorrido para alguém da comunidade, mas esse tipo de pregação o fazia se sentir “ainda mais indigno e ainda mais angustiado e inseguro”.

O Vencedor 6 diz que se sentia muito culpado pela violência que sofreu e só foi conseguir tratar esse sentimento de culpa após iniciar tratamento psicoterápico. “Eu só fui descobrir que não fui culpado pelo abuso na terapia. Antes disso, eu me sentia

sujo, pecador e merecedor do inferno por tudo o que fiz, ainda que não soubesse o que era”.

O entrevistado continuou falando sobre a questão da culpa e do inferno que desenhou:

Mesmo sendo abusado, eu me culpava muito nos momentos que sentia prazer e que tinha ereção. Eu ficava transtornado, com raiva de mim, me odiando mais do que meus próprios abusadores. [...] só fui entender depois na terapia que meu corpo foi criado pra sentir prazer, que eu não tinha culpa e que não havia buscado aquelas situações. [...] até isso entrar na minha cabeça passei por muito sofrimento emocional e tive muita vontade de morrer, mas até o suicídio também é condenado pela religião e eu acabaria indo para o inferno. [...] tudo isso que eu vivi, também foi um inferno, porém, emocional (Vencedor 6).

Todo esse sofrimento emocional, vivido ainda em tenra infância, refletiu nos pensamentos e emoções do abusado. Quando perguntado sobre o desenho da grávida, ele explicou:

Não é grávida, é grávido. Esse sou eu que cresci achando que a qualquer hora ficaria grávido depois que descobri como nasciam as crianças. [...] acordava durante a noite com pesadelos terríveis que eu estava com barrigão, gerando filhos que eram resultados de um abuso. Foi um sofrimento emocional muito grande até descobrir que homens não podiam engravidar. [...] foi uma aflição, um tormento (Vencedor 6).

Após a explicação do desenho, o entrevistado deu nota um para sua autoestima no passado. Quando perguntado se acreditava que o abuso interferiu em algo na construção de uma autoestima saudável, ele voltou a chorar e disse:

[...] não interferiu apenas, ele destruiu... Eu era uma criança com cinco anos e aqueles filhos da puta adultos. Eles destruíram minha confiança nas pessoas e em mim mesmo. Destruíram meu senso de valor, de importância, minha confiança, minha vontade de acreditar nas pessoas e em mim mesmo. Me fizeram crer que eu merecia aquilo, ser tratado como um lixo, como um pedaço de carne pra satisfazer o prazer nojento deles (Vencedor 6).

Após a entrevista, o Vencedor 6 desenhou como estava essa questão do abuso no presente momento (Figura 13). Ele desenhou uma paisagem, composta por uma praia com coqueiro e uma pessoa saltando de paraquedas num dia ensolarado que, de acordo com suas próprias palavras, significava “um lugar de calma, de descanso, de relaxamento e paz”. E acrescentou: “o desenho representa o paraíso que eu vivo hoje perto do inferno que sempre vivi. Tenho buscado fazer desse desenho o retrato da minha vida, colorido e cheio de vida”.

Figura 13 – Vencedor 6 – Questão do abuso no presente.



Fonte: Vencedor 6

Quando solicitado a descrever melhor o seu desenho, o entrevistado assim explica:

Fiz um desenho com sol, luz e cores em contraste com a escuridão do desenho anterior do meu passado. Vivi muitos anos aflito, me sentindo indigno, culpado e sujo e hoje eu aprendi na terapia que eu não fui responsável pelo que me fizeram, porém hoje eu sei que sou responsável pelo que farei com aquilo tudo que fizeram comigo. (Vencedor 6)

O Vencedor 6, segue terminando a explicação do seu desenho, falando que a terapia tem contribuído para a construção de um lugar interior de paz dentro de si e que o processo psicoterápico tem ainda colaborado para o crescimento de sua autoestima, representado pela nota 8,5 no canto direito do desenho.

Ele faz apontamentos do que tem aprendido na terapia e diz que ainda deseja trabalhar ainda mais na construção de sua autoestima: “escolhendo sair do lugar de vítima e tomando as rédeas da minha existência. [...] eu sempre pensei em tirar minha vida e hoje eu vejo o quanto ela pode ser plena e bem desfrutada”.

O entrevistado afirma que a terapia o ajudou a superar muitos dos seus traumas. Diz ter ciência de que ainda está num processo e que muitos anos de abuso não são tratados com pouco tempo de terapia.

É bem certo que jamais vou esquecer o que me aconteceu, infelizmente. Mas já não lembro mais com toda aquela dor e tristeza. Hoje eu me aceito e gosto de mim. Sei que tenho valor e que não sou o lixo que sempre me senti. Acho que mereço ser feliz e estou em busca disso todos os dias. Sei também que venci muitos medos e não acho que os problemas e também que os medos acabaram, mas tento enfrentá-los de forma mais segura e confiante e esses anos de terapia tem me ajudado a ser uma pessoa melhor, bem melhor (Vencedor 6).

Quando foi perguntado aonde o Vencedor 6 se encontrava no desenho, ele respondeu prontamente: “Antigamente eu pensava que tinha caído de paraquedas naquela situação toda de abuso. Hoje eu estou nesse paraquedas escolhendo estar no paraíso, e não no inferno que vivi”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com a finalidade de compreender o processo de construção da autoestima em pessoas adultas do gênero masculino que sofreram abuso sexual na infância, averiguando como estão lidando com esta questão atualmente; se houve ou não acompanhamento psicoterápico e se a psicoterapia contribuiu para a autoestima saudável e bem ajustada desses participantes.

Ao se realizar uma pesquisa, diversos são os sentimentos que envolvem o pesquisador que, no entanto, deve se esforçar para manter a postura de cientista, sobretudo quando se trata da perspectiva fenomenológica, o que dele exige uma postura de *epoché*. Nesse sentido, registram-se as dificuldades do ser humano e, conseqüentemente, deste pesquisador para manter-se focado no fenômeno sem se ater a deduções e a crenças religiosas e até mesmo aos rigores da ciência. Por outro lado, é importante dizer também que o processo foi gratificante a despeito das dificuldades encontradas.

Durante a fase da revisão bibliográfica muito conhecimento foi adquirido, em função do inusitado do tema e outros, foram ampliados e consolidados dadas as exigências de reflexão e análise dentro de um escopo conceitual.

Em se tratando da fase de coleta de dados sentiu-se a dificuldade de não se envolver emocionalmente com as histórias de vida dos entrevistados, em virtude da complexidade e delicadeza do assunto pesquisado. Isso porque a vergonha, o preconceito e o trauma vividos ao longo dos anos, levaram esses homens a um processo de dor e grande resistência em admitir o abuso e, sobretudo, falar dele.

Tais aspectos mostraram-se consistentes com o fato de que poucos deles buscaram ajuda profissional qualificada. Dos sujeitos entrevistados, quatro nunca passaram por processo terapêutico e estavam falando sobre o abuso na entrevista para esta pesquisa, sendo para alguns a primeira experiência nesse sentido.

Ao final do trabalho entende-se a razão de ter-se encontrado extrema dificuldade para compor a amostra, refletida na forma como cada um viveu e vive o abuso. Relata-se aqui que, alguns sujeitos que inicialmente se ofereceram não mais atendiam as ligações telefônicas para agendamento da entrevista; outros até se mostraram disponíveis num primeiro momento, desistindo no decorrer deste estudo, em virtude de terem se sentido desconfortáveis e inseguros. Por fim, destacam-se

aqueles que também se mostraram dispostos, porém não tinham passado pela situação de abuso exigida no escopo da pesquisa.

No momento das entrevistas, houve um sentimento de total empatia diante daquelas pessoas, de suas histórias e relatos, levando o pesquisador a um comportamento de respeito, ética e profissionalismo, conforme os preceitos da psicologia.

No entanto, ressalta-se a dificuldade de não deixar as emoções virem à tona diante de assuntos tão bem guardados durante anos e que estavam ali sendo apresentados, muitas vezes, ainda com lágrimas, dores, raiva, ódio, mas também com resiliência, superação e vontade de seguir adiante, crescendo, a despeito do mal que sofreram.

Para os que nunca passaram por um processo psicoterápico, sentiu-se a necessidade de ressaltar a importância de um tratamento, clareando o entendimento acerca do trabalho exercido por um profissional de psicologia, o que foi feito após o encerramento da coleta dos dados.

A denominação dada aos entrevistados foi motivada em virtude das experiências dolorosas pelas quais passaram, refletidas em suas dores e em sua luta, quer tenham sido ajudados ou não por profissionais, mas, sobretudo, pela escolha de saírem do local de vítimas e se colocarem como autores de sua própria história no momento presente.

Sob o aspecto da coerência metodológica, entende-se que a pesquisa realizada é condizente com os objetivos, com achados em consonância com a pesquisa bibliográfica realizada.

Os resultados das entrevistas mostram que a maioria dos abusados teve a sua autoestima afetada em virtude dos fatos, apresentando visões distorcidas acerca de quem eram e da autoimagem que possuíam, sendo vistas por eles mesmos como pessoas sujas, inferiores, de menos valia, culpadas, indignas de serem realmente amadas e com sentimento de inadequação sexual.

Dessa forma, ressalta-se a intensidade do impacto que a criança sofre por decorrência do abuso na infância, independente do gênero.

Foi constatado ainda que a maioria acredita que sua orientação sexual foi afetada por conta dos traumas vividos em face da violência que passaram durante a infância

e o seu envolvimento precoce com experiências sexuais as quais não estavam preparadas para vivenciarem como crianças, dependendo do ciclo do abuso. Isso porque crianças expostas a um tempo maior de abuso parecem não construir uma autoestima saudável e, aquelas abusadas ocasionalmente enfrentaram a situação de modo diferente revelando uma autoestima bem construída.

Percebeu-se ainda que a psicologia pode ser útil no tratamento dessas vidas que sofreram violência sexual na infância, mas foi detectado que alguns deles não tinham clareza do que é um tratamento psicoterápico e nem da real função de um psicólogo.

Em relação aos efeitos do acompanhamento psicoterápico perceberam-se duas dimensões: Algumas pessoas sem acompanhamento conseguiram fazer suas elaborações, enquanto outras que o tiveram não estão bem elaboradas.

A partir desse resultado, questiona-se o papel efetivo do acompanhamento, pois talvez o cerne da questão requeira que seja observada qual a situação da autoestima dessas crianças antes mesmo de serem abusadas.

Verificou-se também que muita atenção tem sido dada à preocupação com o aspecto mais jurídico da questão, referente à punição do abusador enquanto o tratamento com essas vítimas fica em segundo plano e, por vezes até negligenciado, afetando esses sujeitos em sua autoestima.

Espera-se assim que mais estudos e pesquisas sejam desenvolvidos neste campo que tanto carece de atenção para que menos crianças sejam abusadas e que possam crescer saudáveis física e emocionalmente, principalmente no que se refere ao campo da autoestima. Essa expectativa se baseia no fato de que foi constatada a falta de sujeitos de pesquisas, bem como de estudos no campo do abuso sexual no sexo masculino, o que torna importante que sejam abertas novas pesquisas voltadas para esse recorte, visto que já se tem um campo vasto de resultados referentes ao abuso sexual infantil de meninas.

Dessa forma, ao finalizar este relatório sugere-se que outras pesquisas sejam feitas considerando-se a construção prévia da autoestima na criança antes do abuso, verificando-se se houve um processo saudável, uma vez que há evidências de que, quando isso ocorre, ela não admite o abuso ou ele fica restrito a apenas uma vez.

Essa sugestão baseia-se no caso do Vencedor 6 no qual emergiu o fato de que quando a autoestima da criança não é estruturada de forma adequada ela se torna vítima de um abuso generalizado e, por não se sentir amada, acaba virando objeto de prazer nas mãos de pessoas diversas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. Crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual: a trajetória da denúncia desde a “revelação não aceita” à “revelação aceita”. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. vol.16, p. 299-309, 2005. Disponível em: <<http://www.sbrash.org.br/portal/images/stories/pdf/4-rbsh-vol16-2005-n2.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

ALMEIDA, T.M.C, PENSO, M.P., COSTA, L.F. Abuso sexual Infantil masculino: O gênero configura O sofrimento e o Destino? **Estilos da Clínica**, Vol. XIV, nº 26, p. 46-67, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282009000100004&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 12 maio, 2014.

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ANDRADE, D.; AGERAMI E. L. S. A autoestima em adolescentes com e sem fissuras de lábio e/ou de palato. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 6, Nov. p. 37-41, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000600007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Ago. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-1169200100060000>

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASGEIRSDOTTIR, B. B. et al. Protective processes for depressed mood and anger among sexually abused adolescents: The importance of self-esteem. **Personality and Individual Differences**, 49, p. 402–407, 2010. Disponível em: <[https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/en/publications/protective-processes-for-depressed-mood-and-anger-among-sexually-abused-adolescents-the-importance-of-selfesteem\(7e28071c-3b83-41a9-b23b-6037b7793b2c\)/export.html](https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/en/publications/protective-processes-for-depressed-mood-and-anger-among-sexually-abused-adolescents-the-importance-of-selfesteem(7e28071c-3b83-41a9-b23b-6037b7793b2c)/export.html)>. Acesso em: 24 Out. 2014

BRANDEN, N. **Autoestima e os seus seis pilares**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação – **EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011. Disponível em: www.educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf. Acesso em: 18 maio 2014.

BAPTISTA, R. S. et al . Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo , v. 21, n. 4, 2008 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002008000400011&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 15 Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002008000400011>

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.

BRASIL. Constituição. **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Palácio do Planalto. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm >. Acesso em: 20 maio 2014.

BRASILEIRO, A.M.M. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.

BRUSCHINI, C. Uma abordagem sociológica de família. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v.6, n.1, p. 1-23, jan./jun.1989. Disponível em: <<http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/view/562>>. Acesso em: 31 Ago. 2014.

CARVALHO, J. L. F.; VERGARA, S. C. A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 78-91, jul./set., 2002.

CÉSAR, M. C. **Entre a cruz e o arco-íris: A complexa relação dos cristãos com a homoafetividade**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

COHEN, J., MANNARINO, A., KNUDSEN, K. Treating sexually abused children: 1 year follow-up of a randomized controlled trial. **Child Abuse and Neglect**, 29, p. 135-145, 2005. Disponível em: <<http://www.youthandfamilyservices.org/wp-content/uploads/2013/10/Cohen-Mannarino-Knudsen-2005-Treating-sexually-abused-.pdf>>. Acesso em: 19 Ago. 2014.

COHEN, J., MANNARINO, A. Predictors of treatment outcome in sexually abused children. **Child Abuse and Neglect**, 24, p. 983-994, 2000. Disponível em: <http://www.nctsnet.org/nctsn_assets/Articles/11.pdf>. Acesso em: 30 Jul. 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias**: referências para a atuação do psicólogo. Brasília: CFP, 2009. Disponível em: < http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/diversos/mini_cd/pdfs/cfp_escuta3.pdf >. Acesso em: 20 maio 2014.

COSTA, L. F., PENSO, M. A., ALMEIDA, T. M. C. Famílias com abuso sexual infantil: o dilema entre a mudança e a cristalização de influências transgeracionais. In: CERVENY, C. M. O. (Org.). **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 203-226.

DUTTON, K. A., BROWN, J. D. Global self-esteem and specific self-views as determinants of people's reactions to success and failure. **Journal of Personality**

and **Social Psychology**, 73, p. 139-148, 1997. Disponível em: <<http://faculty.washington.edu/jdb/articles/Dutton%20and%20Brown%20%281997%29.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

ERTHAL, T. C. S. **A auto-imagem: possibilidade e limitações da mudança**. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, 38(1), jan./mar., p. 39-46, 1986. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/viewFile/19195/17937>>. Acesso em: 28 set. 2014.

_____. **Terapia Vivencial**. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **Trilogia da Existência: Teoria e Prática da Psicoterapia Vivencial**. Curitiba: Appris, 2013.

FREUD, S. Totem e Tabu. In: **Obras psicológicas completas**: v. 13. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUREGATO, A. R. F. et al. Depressão e autoestima entre acadêmicos de enfermagem. **Revista de Psiquiatria Clínica.**, São Paulo , v. 33, n. 5, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000500003&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 18 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832006000500003>

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GARCIA, J., WEISZ, J. When youth mental health care stops: Therapeutic relationship problems and other relationship problems and other reasons for ending youth outpatient treatment. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 70, p. 439-443, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONCALVES, H. S.; FERREIRA, A. L. A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 1, Fev. 2002 . Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2002000100032&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 20 Maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100032>.

GOODE, W. J., HATT, P. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

GUEDES, D. D.; MONTEIRO-LEITNER, J.; MACHADO, K. C. R. Rompimento amoroso, depressão e autoestima: estudo de caso. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza , v. 8, n. 3, set. 2008 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15186148200800030003&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 20 maio 2014.

GUSMAO, C. S. A. e PIZZARRO, C. **Reconstrução da auto-estima através da terapia vivencial**. 2009. Disponível em: <[http://www.perspectivasonline.com.br/revista/2009vol3n10/volume%203\(10\)%20artigo8.pdf](http://www.perspectivasonline.com.br/revista/2009vol3n10/volume%203(10)%20artigo8.pdf)> Acesso em: 04 abr. 2014.

HABIGZANG, L. F.; CAMINHA, R. M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes**: conceituação e intervenção clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HABIGZANG, L. F. et al. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 3, Dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722005000300011&lng=en&nrm=is>. Acesso em: 16 Maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>

HABIGZANG, L. F. et al. Desenvolvimento de uma prática baseada em evidências para atendimento psicológico de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. In: WILLIAMS, L. C. A.; HABIGZANG, L. F. (orgs.) **Crianças e adolescentes vítimas de violência**: prevenção, avaliação e intervenção. Curitiba: Juruá, 2014, p. 51-70.

HABIGZANG, L. F. et al. Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Ago. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000300006>.

HABIGZANG, L.F., RAMOS, M.S.; KOLLER, S.H. A revelação de abuso sexual: as medidas adotadas pela rede de apoio. **Psicologia: Teoria e pesquisa**. Ribeirão Preto, Vol. 17, n. 4, Out./Dez. p. 467-473, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 ago. 2014. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.1-14>.

HASKETT, M. et al. Factors associated with successful entry into therapy in child sexual abuse cases. **Child Abuse and Neglect**, 15, p. 467-476, 1991. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1959078>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

HIRATA, P. Q.; BALTAZAR, J. A. Os efeitos psicossociais causados em vítimas de abuso sexual. Filadélfia, 2003. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0014.PDF>>. Acesso em: 16 maio 2014.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/violencia/>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

JESUS, N. A. O círculo vicioso da violência sexual: do ofendido ao ofensor. **Psicologia Ciência e Profissão**., Brasília, v. 26, n. 4, dez. 2006.

Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000400013&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 19 maio 2014.

JONZON, E., LINDBLAD, F. Risk factors and protective factors in relation to subjective health among female victims of child sexual abuse. **Child Abuse & Neglect**, 30, p. 127–143, 2006. Disponível: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S014521340600010X> >. Acesso em: 11 set. 2014.

KOLLER, S. H., DE ANTONI, C. Violência familiar: uma visão ecológica. In: KOLLER, S. H. **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 293-310.

KRISTENSEN, C. H., **Abuso Sexual em Meninos**. 1996. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 154, 1991. Disponível em: < <http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinisaopaulo1990.pdf> >. Acesso em: 20 jun. 2014.

MARTINS, G.A., THEÓPHILO, C.R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2006.

MATURANA, H. **Antologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MCLEAN, K. C., JENNINGS, L. E. . Teens telling tales: How maternal and peer audiences support narrative identity development. **Journal of Adolescence**, 35, p. 1455-1469, 2012. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?redir=http%3a%2f%2fdx.doi.org%2f10.1016%2fj.adolescence.2011.12.005>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

MICELI, M. **A Autoestima**. São Paulo - Paulinas, 2003.

MOTA, C. P., MATOS, P.M. Padres, profesores y pares: contribuciones para la autoestima y coping en los adolescentes. **Anales de psicología**, v. 20, n.2, may. p. 656-666, 2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.6018/analesps.30.2.161521> >. Acesso em: 8 set. 2014.

OSBORNE, J. W. Academics, self-esteem, and race: A look at the underlying assumptions of the disidentification hypothesis. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v.21, p. 449-455, 1996. Disponível em: <<http://psp.sagepub.com/content/21/5/449.short>>. Acesso em 16 jul. 2014.

PEIXOTO, F.J.B. **Autoestima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar**. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. Tese de doutorado. Portugal: Braga, 2003.

PENSO, M. A. et al . Abuso sexual intrafamiliar na perspectiva das relações conjugais e familiares. **Aletheia**, Canoas, n. 30, dez. 2009. Disponível em <

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200012&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 15 maio 2014.

PENSO, M. A., NEVES, V. L. Abuso sexual infantil e transgeracionalidade. In: PENSO, M. A.; COSTA, L. F. (Orgs.), **A transmissão geracional em diferentes contextos**: Da pesquisa à intervenção. São Paulo: Summus, 2008, p. 123-142.

PERLS, F. S. **A abordagem gestáltica**: testemunha ocular da terapia. 2 Ed. Rio de Janeiro: Summus, 1977.

PIMENTEL, A. **Psicodiagnóstico em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2003.

PIMENTEL, A. S. G., ARAUJO, L. S. Hermenêutica gestáltica de uma violência sexual intrafamiliar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, Dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Ago. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000400006>.

PFEIFFER L., SALVAGNI, E.P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria** (Rio de Janeiro), 81(5 Supl):S197-S204, 2005. Disponível em: <<http://www.jped.com.br/conteudo/05-81-S197/port.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2014.

SANTOS, C. A. **Enfrentamento da revitimização**: a escuta de crianças vítimas de abuso sexual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

SANTOS, S. S.; DELL'AGLIO, D. D. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia Social**. Florianópolis, v. 22, n. 2, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000200013>

SEBOLD, J. Indicadores de abuso sexual de meninos e adolescentes. Original em inglês publicado in **Social Casework**, 68 (2): fevereiro, pp.75-80, 1987. Disponível em: <http://www.cecria.org.br/banco/indicadores_de_abuso_sexual_sebold.rtf>. Acesso em: 17 abr. 2014.

SERAFIM, A. P.; MARQUES, N. M.; L. F.; SAFFI, F. Processos de Investigação Neuropsicológica de Crianças Vítimas de Abuso Sexual. In: WILLIAMS, L. C. A.; HABIGZANG, L. F. (orgs.) **Crianças e adolescentes vítimas de violência**: prevenção, avaliação e intervenção. Curitiba: Juruá, 2014, p. 31-49.

SLUTZKY, C. B., SIMPKINS, S. D. The link between children's sport participation and self-esteem: Exploring the mediating role of sport selfconcept. **Psychology of Sport and Exercise**, 10, p. 381-389, 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029208000873>>. Acesso em: 16 out. 2014.

SPATARO, J. et al. Impact of child sexual abuse on mental health. **British Journal of Psychiatry**, 184, p. 416-421, 2014. Disponível em: <<http://bjp.rcpsych.org/content/184/5/416.full.pdf+html>>. Acesso em: 30 set. 2014.

TURNER, H. A., FINKELHOR, D., ORMROD, R. The effect of lifetime victimization on the mental health of children and adolescents. **Social Science & Medicine**, 62, p. 13-27, 2006. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953605002534>>. Acesso em: 18 set. 2014.

WATKINS, B.; BENTOVIM, A. The Sexual Abuse of Male Children and Adolescents: A Review of Current Research. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**. v. 33, n. 1, pp. 197-248, Jan., 1992. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1737828>>. Acesso em: 10 out. 2014.

WILLIAMS, L. C. A. et. al. Capacitação de profissionais no projeto “escola que protege” para prevenção de abuso sexual. In: WILLIAMS, L. C. A.; HABIGZANG. L. F. (orgs.) **Crianças e adolescentes vítimas de violência: prevenção, avaliação e intervenção**. Curitiba: Juruá, 2014, p. 13-29.

WILLIAMS, L. C. A.; HABIGZANG. L. F. Uma breve introdução: tecnologia social da ciência psicológica para o enfrentamento da violência da criança e do adolescente. In: WILLIAMS, L. C. A.; HABIGZANG. L. F. (orgs.) **Crianças e adolescentes vítimas de violência: prevenção, avaliação e intervenção**. Curitiba: Juruá, 2014, p. 9-12.

World Health Organization & International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect. **Preventing child maltreatment: A guide to taking action and generating evidence**. Sweden: World Health Organization, 2006. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/publications/2006/9241594365_eng.pdf. Acesso em: 18 ago. 2014.

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

- 1) Como você se sentiu fazendo este primeiro desenho que retrata a o seu abuso vivido no passado?
- 2) Qual a idade que você tinha no início do abuso? Nessa idade, qual era o seu contexto familiar? (com quem você morava, de quem você era mais próximo, as brincadeiras que você tinha com as pessoas)
- 3) Quando o processo de abuso teve início? Você percebeu logo no início que havia algo estranho, que se tratava de abuso?
- 4) Você contou pra alguém na época?
- 5) Por quanto tempo durou o abuso?
- 6) O abusador era alguém próximo a você? Qual tipo de relação existia entre você e essa pessoa? Você tem ideia de qual era a idade dele na época? Qual era a diferença de idade entre vocês?
- 7) Sua família ficou sabendo? Quando? Como? Qual foi a reação de quem ficou sabendo?
- 8) Que tipo de suporte você recebeu nesse momento?
- 9) O que você pensava sobre você mesmo? Qual era a imagem que tinha de si mesmo?
- 10) Você acha que o abuso interferiu em algo em sua autoestima? Fale mais a respeito.
- 11) Você já fez terapia? Tratou essas questões na terapia? Como foi a sua chegada ao psicoterapeuta? Foi indicado? Foi você quem buscou o tratamento?
- 12) Quanto tempo durou o processo de terapia? Você fez terapia com um único profissional?
- 13) Como você se sentiu durante o processo terapêutico? Você pensou em desistir durante o processo? Por quê?
- 14) Você acha que o processo terapêutico foi útil? Em que? Sua autoestima melhorou após a terapia?

15) Durante o processo psicoterapêutico você teve suporte de alguma pessoa de sua família?

16) Você acha que o abuso influenciou em algo a sua opção sexual? Fale mais a respeito.

17) Numa escala de 0 a 10, como você classificaria sua autoestima no passado, após ter sofrido o abuso?

18) Numa escala de 0 a 10, como você classificaria sua autoestima no momento presente?

APÊNDICE B**FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO****GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****TÍTULO DA PESQUISA:**

O Abuso Sexual na Infância, Autoestima e o Tratamento Psicoterápico: Relatos de Adultos.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Vania Maria Congro Teles

JUSTIFICATIVA:

O estudo sobre abuso sexual infantil é de enorme importância para que entendamos os prejuízos causados à autoestima desses sujeitos e se a psicoterapia tem contribuído para a reconstrução de uma subjetividade sadia dessas vítimas de violência sexual que têm sido violadas em seu direito a uma educação da promoção de seres em formação e de um desenvolvimento sexual saudável, daí a necessidade do trabalho psicoterápico junto a essas pessoas.

OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA:

Esta pesquisa tem por objetivo analisar os impactos do abuso sexual na autoestima de pessoas do sexo masculino e se a psicoterapia tem colaborado para a reestruturação dessa autoestima. A pesquisa será realizada por desenhos e um roteiro de perguntas semiestruturadas aplicados ao entrevistado na qual as respostas serão analisadas e interpretadas.

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA:

Não há riscos para nenhum dos participantes, pois, a identidade dos mesmos não será revelada e as informações serão utilizadas somente para fins acadêmicos.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA:

Compreender como a autoestima de crianças que sofreram abuso pode ser afetada e como a psicoterapia pode restaurar a saúde emocional dessas pessoas, proporcionando melhoria na vida desses indivíduos, trazendo-lhes de volta uma autoestima saudável.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA:

Quando necessário, o voluntário receberá toda a assistência social aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa. Basta procurar a orientadora Vania Maria Congro Teles diretamente na FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO, pelo endereço Av. Vitória, nº 950, Forte São João – Vitória-ES. Cep: 29017-950.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS:

Em qualquer momento o voluntário poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS:

As identidades dos voluntários serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor como pela instituição onde será realizado e pelo patrocinador. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o

repassar dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÕES

Eu, _____,
portador da Carteira de identidade nº _____ expedida pelo
Órgão _____, por me considerar devidamente informado(a) e
esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida,
livremente expressei meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa e
recebi cópia desse documento por mim assinado.

_____, __/__/__

Assinatura do Participante Voluntário Data Impressão Dactiloscópica(p/ analfabeto).

_____, __/__/__

Assinatura do Pesquisador responsável

Data

APÊNDICE C

Quadro 3 – Caso 1

Entrevistado: Vencedor 1	
Sexo	Masculino
Raça	Negra
Estado civil:	Solteiro
Idade atual	18 anos
Idade na época do abuso	6 anos
Duração do abuso	2 vezes em dias diferentes
O(s) abusadores	Pastor, amigo da família
Locais do abuso	Residência da vítima
Orientação sexual	Homossexual
Passou por processo psicoterápico?	Sim
Tempo total da entrevista	1h20min
Local da entrevista	Residência do Entrevistador
Data da entrevista	28 de Julho de 2014

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4 – Caso 2

Entrevistado: Vencedor 2	
Sexo	Masculino
Raça	Branca
Estado civil:	Solteiro
Idade atual	31 anos
Idade na época do abuso	5 anos
Duração do abuso	Os abusos ocorreram aproximadamente durante um período de 7 anos, segundo o entrevistado
O(s) abusadores	O próprio pai, adolescentes da escola, vizinho, primo do vizinho e um amigo de seu pai.
Locais do abuso	Escola, residência da vítima, residência do amigo de seu pai, residência de um vizinho.
Orientação sexual	Homossexual
Passou por processo psicoterápico?	Não
Tempo total da entrevista	1h25min
Local da entrevista	Residência do Entrevistador
Data da entrevista	05 de Agosto de 2014

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5 – Caso 3

Entrevistado: Vencedor 3	
Sexo	Masculino
Raça	Negra
Estado civil:	Solteiro
Idade atual	21 anos
Idade na época do abuso	6 anos
Duração do abuso	Uma vez
O(s) abusadores	Rapaz de sua igreja
Locais do abuso	Atrás de uma igreja católica
Orientação sexual	Homossexual
Passou por processo psicoterápico?	Não
Tempo total da entrevista	57 min
Local da entrevista	Residência do Entrevistador
Data da entrevista	09 de Agosto de 2014

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6 – Caso 4

Entrevistado: Vencedor 4	
Sexo	Masculino
Raça	Branca
Estado civil:	Casado
Idade atual	32 anos
Idade na época do abuso	Entre 6 e 8 anos (o entrevistado não se recordou com precisão)
Duração do abuso	1 mês
O(s) abusadores	Vizinho
Locais do abuso	Residência da vítima
Orientação sexual	Heterossexual
Passou por processo psicoterápico?	Não
Tempo total da entrevista	1h13min
Local da entrevista	Na Igreja do Entrevistado
Data da entrevista	07 de Agosto de 2014

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 7 – Caso 5

Entrevistado: Vencedor 5	
Sexo	Masculino
Raça	Branca
Estado civil:	Solteiro
Idade atual	25 anos
Idade na época do abuso	5 anos
Duração do abuso	1 dia
O(s) abusadores	Prima
Locais do abuso	Casa da tia
Orientação sexual	Homossexual
Passou por processo psicoterápico?	Não
Tempo total da entrevista	54 min
Local da entrevista	Residência do entrevistador
Data da entrevista	12 de Agosto de 2014

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 8 – Caso 6

Entrevistado: Vencedor 6	
Sexo	Masculino
Cor:	Branco
Estado civil:	Solteiro
Idade atual	42 anos
Idade na época do abuso	6 anos
Duração do abuso	5 anos
O(s) abusadores	Tios e vizinhos
Locais do abuso	Própria casa, casa dos tios
Orientação sexual	Homossexual
Passou por processo psicoterápico?	Sim
Tempo total da entrevista	1h13min
Local da entrevista	Residência do entrevistador
Data da entrevista	15 de agosto de 2014

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE D

Figura 14 – Material oferecido para a realização dos desenhos.



Fonte: Arquivo próprio.